

## 2. Caminhos para o moderno: a busca da trajetória fluminense

“Mais um ano... Riso e flores  
Festejam data feliz.  
A REVISTA aos esplendores  
De indigentes batalhadores,  
O seu passado bem diz.

E caminha,  
Contente,  
Envolta nesse ardor que se advinha  
Nas glórias do presente!

Anima-lhe a esperança  
(Essa verdade agora expresso)  
De vencer o futuro em que lança  
A idéia do progresso.”

Gioconda Dolores  
80

O poema, em epígrafe, expressa a comemoração do terceiro ano de publicação de *A Revista*, certamente um marco digno de festa para o periodismo da época. Entretanto, o que salta aos olhos nesse trecho é sua relação com a história, pois um passado que “bem diz” derivou nas atuais “glórias do presente” e que lançam ao futuro uma perspectiva ainda maior, no alcance de um “ideal de progresso”.

Podemos ler como mais um poema comemorativo e otimista em relação ao momento de festa. Todavia, esse pode ser um ponto de partida para pensarmos: o que é *A Revista*? Qual é sua proposta? Como conseguiu conquistar tantos leitores e se manter no mercado editorial fluminense por vários anos? Quem é o seu corpo dirigente, os responsáveis por essa empreitada? Várias perguntas estão latentes e para respondê-las, ao longo deste capítulo, vamos primeiramente buscar entender as cores e as formas dessa proposta chamada *A Revista*.

### 2.1. As cores e formas de um projeto

---

<sup>80</sup>Gioconda Dolores. Ao Bastos In: Editorial. *A Revista*. Ano III, nº 25, 1921. p.3. O poema foi feito para Manoel Leite Bastos, proprietário do periódico, em homenagem ao terceiro ano de publicação do mesmo.

Essa é a nossa fonte e, simultaneamente, o nosso objeto de análise. Por meio do documento, *A Revista*, investigaremos os indícios do que chamamos de “modernismo fluminense”; na medida em que é simbólico para entendermos o desenho de uma nova identidade fluminense pelo caminho da modernização e do progresso. Para compreender e analisar este documento devemos ter em conta suas intencionalidades: afinal o que é um documento?

Consideramos que o documento é todo e qualquer vestígio deixado pelo homem sobre suas experiências vividas em determinado lugar e contexto histórico específico<sup>81</sup>. Esses vestígios são elaborados pelo homem, logo significam uma construção do homem sobre sua realidade, e não a verdade sobre a realidade humana. O jogo de intencionalidades ao criar e ao preservar esses documentos devem ser considerados em sua análise, especialmente se estamos tratando de uma revista com um projeto explícito em pauta. Não só a produção, assim como, a preservação documental ocorrem de acordo com diversos fins e o jogo produção/preservação está presente em toda sorte de documentos/monumentos<sup>82</sup>.

Analisar o documento *A Revista* é penetrá-lo, observar suas “cores” e, de antemão, compreender que há um projeto por trás do mesmo. Nossa fonte é significativa porque apresenta uma (re)leitura do seu entorno, o cenário fluminense – e nacional – nos primeiros anos do século XX. Sua relação com a História é particular; a volta à tradição seria uma oportunidade de enxergar um presente e um futuro que se quer moderno. Ao depararmos com nossa fonte, propomos um olhar sobre o seu projeto: o de redefinição de uma identidade fluminense, pautada nos ideais de progresso e de modernização.

Esses seriam os pilares do que chamamos de modernismo fluminense, ou seja, a busca de uma nova representação do Estado do Rio, que compreende diversos caminhos: educação, saúde, progresso... mas com um fim último de proporcionar um prestígio, outrora perdido, ao estado e de repensar sua identidade perante a federação. Dessa forma, os debates modernistas de

---

<sup>81</sup> Carlo Ginzburg. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: Carlo Ginzburg. **Mitos, emblemas sinais, morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-180.

<sup>82</sup> Jacques Le Goff. Documento/Monumento. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985. p. 23-47.

reconstrução nacional – que também estavam na pauta do dia – poderiam ser uma realidade para os fluminenses, como um estado representativo porque moderno.

Investigaremos, então, o universo desse periódico niteroiense para analisar a sua produção intelectual. A publicação de *A Revista*<sup>83</sup> tem início em maio de 1919 e vai até março de 1923, sem deixar pistas do porquê do seu fim<sup>84</sup>. Inicialmente um mensário, *A Revista* chegava às bancas no início de cada mês de 1919 até 1921, quando sua periodicidade passou a ser quinzenal – em virtude do “franco acolhimento de nosso modesto mensário”<sup>85</sup> – sendo publicada, a partir de 1922, nos dias 15 e 30 de cada mês. E havia uma regularidade profícua nas suas edições, isto significa dizer que os números impressos correspondiam à data de publicação prevista, com poucos atrasos.

Niterói, nesse período, era um centro congregador da intelectualidade fluminense, sendo o destino de jovens e de letrados do interior fluminense. Esses homens de letras comporiam o expediente de *A Revista*, cuja sede de trabalho ficava na Rua do Cruzeiro, 396, no bairro de Santa Rosa, Niterói, capital do Estado do Rio de Janeiro, na época. Foi nessas oficinas, que Manoel Leite Bastos, jornalista fluminense – que era agente de anúncios de outros jornais e esteve ligado ao periódico *O Momento* – fundou *A Revista*.

Durante o primeiro ano de circulação, o periódico era feito em tipografia manual e impresso nas gráficas do Colégio Salesianos, em Niterói. As impressões pagas significavam um teste de resistência ao intento. Entretanto, ao completar um ano de circulação, *A Revista* passa a ser impressa em oficinas próprias, visto o sucesso entre os leitores e a compra de espaço publicitário pelos antigos clientes do Bastos, que, ao firmarem contratos, possibilitaram ao periódico a aquisição de uma oficina de impressão própria.

Quanto à forma, o periódico apresentou-se regularmente, havendo poucas variações significativas na capa, na estrutura e nas dimensões ao longo do tempo. Impressa em formato A5, seu tamanho manteve-se durante o período de circulação, alterando apenas alguns centímetros no final do primeiro ano (de 22 x

<sup>83</sup> *A Revista* está disponível na seção de periódicos da Biblioteca Nacional, código nº 0000216658, totalizando sete volumes de coleção, e sessenta e três números de publicação.

<sup>84</sup> Não há qualquer menção de término da publicação no último número da revista situado na Biblioteca Nacional, a edição acaba sem dar qualquer pista sobre sua continuidade.

<sup>85</sup> *A Revista* e sua publicação quinzenal. **A Revista**. Ano III, nº 33, 1921. p. 13.

15 cm para 26 x 17 cm), padrão que se manteve até as últimas edições. O número médio de páginas por edição mensal, visto as variações possíveis especialmente em edições especiais ou maior número de anúncios, era de 40 a 60 páginas por número. Porém quando essa se tornou quinzenal seu quantitativo de páginas diminuiu girando em torno de 25 a 50 páginas, salvo exceções. Um número significativo, ainda que consideremos que boa parte dessas laudas eram de propagandas que ajudavam a revista manter-se.

No que tange às seções, essas sim variavam. Sumiam e apareciam ao capricho de seus idealizadores. Contudo, o mais interessante é que o escopo essencial manteve-se o mesmo nos quatro anos de publicação. O seu programa e o seu conteúdo permaneceram similares ainda que flutuações e reinvenções tenham acontecido em suas páginas. Desse modo, as seções mudavam de título, talvez de enfoque, mas continuavam conformando o aspecto de uma revista de variedades, com espaço para a: literatura, educação, política, saúde, artes e entretenimento, às vezes: esporte, conjuntura internacional e assuntos femininos.

Dentro desse universo de variedades, algumas destacaram-se ao adquirir notoriedade individual. Refiro-me a um movimento de reinvenção de *A Revista*, que aconteceu a partir de março de 1921. Nessa edição, uma nota chamada “Aos nossos leitores” foi publicada para narrar uma feição inteiramente nova do periódico, pois a partir daquele momento ela se dividiria em quatro revistas diferentes, desdobrando suas seções mais importantes para “corresponder a gentileza extrema de nossos amáveis leitores”<sup>86</sup>.

Sendo assim, no dia 8 de cada mês tínhamos nas bancas *O Garoto*, por 100\$ réis, dedicado às crianças com “contos, poesias morais e assuntos escolares, informações úteis, além de vasta publicação fotográfica”. Ao dia 16, pelo preço de 200\$ réis, apareceria *Vida Elegante*, trazendo “desenvolvida notícia sobre as questões sociais e artística”. A terceira edição sairia no dia 24 de cada mês, pelo custo de, também, 100\$ réis, *Telas e Ribaltas*, “um número consagrado ao movimento teatral, dando vasto noticiário sobre cinema, além dos retratos de artistas, que serão estampados em páginas distintas e uma página esportiva”.<sup>87</sup>

Finalmente, *A Revista* só sairia no último dia de cada mês, compilando as edições anteriores e acrescentando “uma parte literária bastante ampla e

<sup>86</sup> Aos nossos leitores. *A Revista*. Ano II, nº 24, 1921. p. 16.

<sup>87</sup> *Idem, ibidem*. Os dois trechos foram retirados dessa matéria.

convenientemente cuidada”,<sup>88</sup> por 500\$ réis. O artigo segue falando das conveniências para o leitor, que pode escolher o que consumir, e para os comerciantes, realçava que pelo preço de um anúncio, sua propaganda seria publicada em *A Revista* e outra publicação de sua escolha.

Essa capacidade de recriação é um sintoma da modernidade, da fluidez, da constante mudança, que certamente colaborou para a longeva vida de *A Revista*. Ao que parece, quatro revistas em uma não foi uma prática de sucesso, e mais um motivo de reformulação de sua estrutura – pois, *Telas e Ribaltas* teve apenas quatro edições avulsas, enquanto *Vida Elegante* apenas duas e *O Garoto* somente uma.<sup>89</sup> Por isso, esse formato permaneceu até dezembro de 1921, quando para solucionar a questão de tantos assuntos em um mensário, *A Revista* anuncia seu periodismo quinzenal, a começar em 1922.

Repensar a si mesma insere *A Revista* nos ares modernizantes, ou seja, a busca pelo novo faz com que o periódico esteja sempre em movimento. Esse aspecto se revelará também nas cores, nas vinhetas e nas fotografias, no cuidado e na beleza de cada edição, no visual que o periódico imprimia aos seus leitores. Nossa revista era impressa em preto e branco, contudo havia páginas coloridas, ainda que, monocromáticas, ou em sépia. Durante todo o seu primeiro ano, essa foi editada em papel *couché*, inclusive os anúncios. Não obstante, após comemorar doze edições as páginas começaram a alternar entre papel *couché*, dedicado às fotografias e às matérias mais importantes (como a abertura das seções); e papel comum (alcalino), onde se concentrava a maior parte dos anúncios; essa estética manteve-se até os seus últimos números.

Nas vinhetas e nas capas, que inauguravam as seções ou a própria edição, havia um cuidado ainda maior com a estética. Fotomontagens<sup>90</sup>, desenhos femininos, temas da natureza brasileira – como passarinhos, flores, araras e macacos –, arlequins, melindrosas, entre outros, surgiam em cores diferentes a

<sup>88</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>89</sup> Chama a atenção o aspecto rarefeito das edições. Contudo há que se considerar a estreita possibilidade desses números rareados, por serem avulsos, terem se perdido e não integrarem a coleção da Biblioteca Nacional. Por isso mesmo, até o seu fim é duvidoso. Um ponto interessante a ser observado é que a cada número publicado há um aumento do seu preço, apesar da compilação de *A Revista* não indicar esse acréscimo mantendo-se a 500\$ réis; observe: *Telas e Ribaltas* foi publicada nº 1 e 2, março e abril a 100\$ réis cada, nº 3, maio a 200\$ réis e nº 4, junho a 300\$ réis, todas no ano de 1921; *Vida Elegante*, nº 1, em abril a 100\$ réis e nº 2, em julho, a 200\$ réis, também em 1921; e *O Garoto*, apenas, em abril de 1921, por 100\$ réis cada.

<sup>90</sup> Como exemplos de fotomontagens de *A Revista* ver os anexos 1, 2, 10 e 13.

fim de destacar e adornar as seções. A preocupação com a dinâmica visual era notória, pois significava um apelo ao seu público leitor.

Um dos maiores convites de *A Revista* era justamente o apelo visual, através das fotografias. Retratos de toda a sorte, espelhos de modernização, reflexo de seus leitores, retratos da alta sociedade fluminense, instantâneos da política, da educação, de toda a variedade do que era sinônimo de *A Revista*. Esse será um recurso comum a todas as seções, na verdade, tinham inclusive seções só fotográficas como *A Revista em...*, que expunha o interior fluminense e os exemplos da grandeza do Estado do Rio. Tudo isso sem texto, só com pequenas legendas, pois as fotografias falavam por si.

Os instantâneos configuraram-se como um elo identitário com o público, visto que temas do cotidiano apareciam: a cidade, o interior do estado, artistas de cinema e de teatro. Além do mais, a linguagem fotográfica é universal, não é necessário o manejo das letras para que haja a comunicação. O diálogo imediato ampliava as possibilidades de leitores, além de ser rápida e fluida, onde a mensagem que se quer dizer já está pronta e ao acesso de todos, já que descreve um mundo que vai além das letras.

À fotografia era conferida um caráter de testemunho verídico dos acontecimentos. Ela significava, por exemplo, a materialização dos avanços que tinha conquistado a cidade, reiterava a imagem de progresso e modernidade, que *A Revista* descrevia como inerente ao estado fluminense.

“A fotografia, como instrumento de divulgação de idéias, apresentava um projeto de cidade que antecipava sua verdadeira construção. O documento iconográfico pretendia ser o registro da fundação de um (novo) tempo, posto em marcha pela detonação de 'políticas' de estabelecimento de memória, a qual tende a ser dinâmica, moderna e criadora.”<sup>91</sup>

Esse instrumento era parte fundamental do formato desse periódico. Por possuir caráter de testemunho real dos acontecimentos, dando legitimidade a idéia de moderno proposta por seus intelectuais. Além de traçar possibilidades de

---

<sup>91</sup> Luís Reznik e Marcelo da Silva Araújo. Imagens constituindo narrativas: fotografia, saúde coletiva e construção da memória na escrita da história local. **Revista Hist. cienc. saúde-Manguinhos**. Rio de Janeiro: Set 2007, vol.14, nº3. p. 1028. Ver também Ana Mauad. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. In: **Anais do Museu Paulista**, São Paulo: USP, v.13, 2005.

linguagem capazes de exprimir não só fatos, mas as múltiplas sensações e associações que elas evocavam.

A narrativa fotográfica – a exemplo do historiador que em sua narrativa interpreta, enquadra o passado – escolhe aquilo que é representado por ela. Se retomarmos a epígrafe que abre esse texto, teremos uma confirmação disso. *A Revista* e seu projeto modernista trazem novas representações e memórias, enquadram o passado, através da releitura da tradição e do presente. A fotografia fornece subsídios para esse enquadramento, pistas para um outro olhar sobre o real, uma nova narrativa.

A fotografia é uma pista para compreendermos os anseios de *A Revista*; mas quais seriam estes, então? O desafio de definir *A Revista* deve ser feito por dentro dela. Ao tentar refletir o que seus intelectuais pensavam sobre esse projeto deparamo-nos com o *Editorial*, um canal aberto entre seus idealizadores e o público. Segundo Mônica Velloso, os editoriais das revistas buscavam passar uma mensagem singular que essas se julgam portadoras<sup>92</sup>. No editorial do primeiro número de *A Revista*, a sua autora Gioconda Dolores<sup>93</sup> esboça os objetivos do programa a que periódico se destinava: tratar de política, de arte e de ciência, em uma cidade de antigas tradições como Niterói. Portanto, fazer uma revista que se dedicasse “ao doutrinação do civismo, ao encitamento da arte, ao devotamento pelas verdades científicas”<sup>94</sup>.

A história, a tradição tem um papel preponderante para se pensar o novo, o moderno que ser ao Estado do Rio, conforme a epígrafe que abre o presente capítulo. Antes de buscar delimitar um escopo, *A Revista* se abre, reforça, nesse primeiro editorial, que não tem um programa definitivo. Seu compromisso é com o moderno, com o movimento das informações desse momento. As edições que seguiram, seriam pensadas ao seu tempo, dado que, em trinta dias “quantos fatos eloqüentes, quantos assuntos de interesse nos deparam e animam a nossa pena indecisa(...)”<sup>95</sup>.

A idéia de modernidade é exatamente essa. Ou seja, a idéia de um tempo fugaz, oscilante, um tempo presente, já que a realidade está em permanente

<sup>92</sup> Mônica Velloso (1996). *op. cit.* p. 57-59.

<sup>93</sup> Essa autora é, provavelmente, um pseudônimo, afinal nas edições comemorativas em que as fotos dos colaboradores eram impressas sua imagem nunca apareceu.

<sup>94</sup> Gioconda Dolores. Editorial. *A Revista*. Ano I, nº 1, 1919. p. 1.

<sup>95</sup> *Idem, ibidem.*

mutação.<sup>96</sup> *A Revista* buscava traduzir essa nova linguagem. Ao sugerir temas que lhe aprouvesse uma nova imagem, uma nova representação afinada a todas essas mudanças. Mas quais seriam os caminhos para pensar uma nova identidade fluminense? Como pensar o Estado do Rio de Janeiro pelo viés do moderno?

## 2.2. Educação: uma perspectiva sobre o moderno

“Parece, entretanto, que, atualmente, a lição da grande guerra indicou ao homem o caminho certo para as reivindicações de um passado estagnado no marasmo dos povos sem vontade e uma nova época se impõe com promessa de largas conquistas. (...) A vida se transforma em luta, a atividade é uma força imponderável, o ideal conduz os povos as grandes iniciativas em prol do bem estar nacional.”<sup>97</sup>

A crise de valores que afetou o contexto europeu depois da Primeira Guerra teve reflexos imediatos aqui. O otimismo ufanista da *belle époque* cedeu lugar a um clima de redefinições, inclusive na forma de se pensar o país. No pós-guerra, o velho continente tenta se recuperar dos impactos do conflito; como poderíamos, então, imitar um modelo falido de organização nacional? Esse momento – a década de 1920 – é de inflexão: de se pensar o Brasil de forma brasileira.

No irradiar dos primeiros anos republicanos, cujas reflexões acerca da realidade brasileira estão difusas, derivadas em movimentos de cunho nacionalista, o impacto da Primeira Guerra Mundial provoca questionamentos. E serão os intelectuais brasileiros que se auto-contemplariam com a tarefa pedagógica de traçar possíveis caminhos para a construção de nossa nacionalidade. Colocar-se-iam a refletir o país, a propor soluções para uma nação que precisava de uma identidade. O tema do nacionalismo está nas fileiras do momento, pois a palavra de ordem é criar a nação.<sup>98</sup>

A guerra de 1914 traz à tona um novo período de incertezas e de rompimento da dependência cultural. Nesse sentido, os padrões intelectuais brasileiros seriam revisados, tornando-se urgente a necessidade de pensar o

<sup>96</sup> Cf. Charles Baudelaire. **Sobre a Modernidade**: o pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996; Walter Benjamin. **Charles Baudelaire um lírico no auge no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, vol. 3, 1989; Marshall Berman. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>97</sup> Um surto evolucionista. **A Revista**. Ano I, nº. 1, 1919. p. 21. A publicação aconteceu em uma página duplicada. O anexo 13 é um exemplo desse tipo de página.

<sup>98</sup> Lúcia Lippi Oliveira. *op. cit.* Ver também Flora Süssekind. In. Anateresa Fabris. *op. cit.*



Brasil. A literatura passa a ser um instrumento para estes intelectuais.<sup>99</sup> Os textos da *belle époque* perdiam espaço para os periódicos e revistas que alocavam as questões nacionais na ordem do dia. A *Revista do Brasil*, lançada em 1916, reflete essa querela ao buscar um reexame da identidade nacional.<sup>100</sup> Segundo Mônica Velloso, verifica-se neste momento,

“uma mudança radical na forma de conceber o papel do intelectual e da literatura. A idéia corrente é a de que o intelectual deve forçosamente direcionar suas reflexões para os destinos do país, pois o momento é de luta e de engajamento, não se admitindo mais o escapismo e o intimismo. Cabe, então ao intelectual evitar os temas de cunho pessoal: ele deve deixar de falar de si mesmo para falar da nação brasileira.”<sup>101</sup>

A importância da Primeira Guerra é que ela se coloca como um divisor de águas – antes o ufanismo, a literatura como o sorriso da sociedade –, agora a militância. Lucia Lippi Oliveira descreve que as novas bandeiras nacionalistas propunham um programa de lutas e de necessidade de organizar movimentos que atuariam na salvação do país ao buscar uma nova identidade nacional. Se a tarefa intelectual é pedagógica, nesse contexto, saúde e educação faziam parte da receita de cura dos males brasileiros.<sup>102</sup>

### 2.2.1. Educ(ação) *Revista*

“Só pode ser verdadeiramente livre o trabalhador que começa por libertar-se voluntariamente das cadeias da própria ignorância, da ausência de senso moral e dos próprios apetites pela Instrução, Ciência, pela Verdade.”(grifo original)

Justinus<sup>103</sup>

O Estado do Rio de Janeiro procuraria na educação a cura para as suas mazelas. A educação foi um tema constante nas páginas de *A Revista*. A busca da autêntica nacionalidade e da identidade fluminense encontrava na educação o seu par. A instrução, desse modo, poderia livrar o país do analfabetismo e preparar seus cidadãos para a nova sociedade que se desejava construir.

<sup>99</sup> Cf. Adriana Facina. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

<sup>100</sup> Ver Tânia Regina de Luca. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: UNESP, 1999.

<sup>101</sup> Mônica Pimenta Velloso (1993). *op. cit.* p. 89.

<sup>102</sup> Lucia Lippi Oliveira. *op. cit.* p. 145.

<sup>103</sup> Justinus. Greve e greves - pela instrução, pela ciência, pela verdade. **A Revista**. Ano II, nº 12, 1920. p. 32. O autor é provavelmente um pseudônimo, pois não jamais foi citado nas listas de colaboradores que eram publicadas no periódico, além de nunca ter escrito em outras seções.

É importante ressaltar que o modelo de educação proposto estaria ligado às questões que se faziam urgentes na década de 1920. Ora, se os intelectuais estavam pensando a nação, era necessário formar uma consciência nacional. Portanto, a educação é antes uma instrução cívica, outrora citamos como o editorial, do primeiro número, de *A Revista*, colocava em pauta o seu objetivo de doutrinação pelo civismo.

“Assim a literatura brasileira deve deixar de ser apenas um “templo da arte” para se transformar em “escola de civismo”. Para levar a efeito tal princípio, o artista precisa abandonar sua “torre de marfim” e pôr os pés na terra, que é onde se decidem os destinos humanos. Porque dotados de dons divinatórios, os intelectuais são eleitos os “legítimos depositários da civilização”, tornando-se, portanto, os mais indicados para *ensinar* o amor pela pátria. Nesta perspectiva, eles devem se transformar em educadores, exercendo uma função eminentemente pedagógica na sociedade.”<sup>104</sup> (grifos originais)

A educação tem, nesse momento, uma dupla função: uma progressista, de erradicar o analfabetismo; e outra cívica, de cultivar a nacionalidade.

O contexto do pós-guerra causou impacto entre os intelectuais brasileiros, representando um campo fértil para projetos que priorizavam soluções para os grandes problemas nacionais.<sup>105</sup> A educação tornou-se peça fundamental para superar os entraves para o progresso do país e do Estado do Rio de Janeiro, “arrancando do analfabetismo milhares de crianças que se preparam para o maior orgulho do torrão fluminense”<sup>106</sup>.

O nacionalismo supervalorizou o papel da educação. A instrução objetivava uma reforma moral e intelectual do brasileiro. Dessa forma, o ensino se tornou um instrumento precioso na política de regeneração do país, que auxiliará na definição da identidade nacional.<sup>107</sup>

A “(...) escolarização era concebida como a mais eficaz alavanca da História brasileira.”<sup>108</sup> Essa frase se aplica não só a nação, mas aos seus membros. A Constituição de 1891 atribuía, aos estados da federação, a

<sup>104</sup> Mônica Velloso (1993). *op. cit.* p. 90. Nesse trecho, a autora apropria-se de algumas palavras pronunciadas por Olavo Bilac, em seu discurso ao desembarcar da Europa em 1916.

<sup>105</sup> Cf. Helena Bomeny. Novos talentos, vícios antigos: os renovadores e a política educacional. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: 1993, vol.6, n. 11.

<sup>106</sup> Diretoria geral da instrução do Estado do Rio de Janeiro. *A Revista*. Ano II, nº 12, 1921. p. 58.

<sup>107</sup> Ângela Gomes. A escola republicana: entre luzes e sombras. In: Verena Alberti; Ângela Gomes; Dulce Pandolfi. *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, CPDOC, 2002.

<sup>108</sup> Jorge Nagle. *Educação e sociedade na primeira república*. São Paulo/Rio de Janeiro: EPU/Fundação Nacional de Material Escolar, 1974/1976. p. 101.

responsabilidade pelo ensino primário no Brasil. Nesse contexto, em que se queria redefinir a identidade brasileira, buscar-se-ia, também, um novo formato para o estado fluminense. Por meio da educação, seria possível fazer uma releitura da tradição, ou seja, uma reinterpretação histórica, ao elevar os fluminenses para um espaço de destaque na federação.

A centralidade do tema da educação está presente no próprio expediente da revista. Entre os seus colaboradores estão homens e mulheres ligados a educação, como por exemplo, Senna Campos, diretor da sucursal feminina do Colégio Brasil e membro da Academia Fluminense de Letras (AFL); Lilita de Gouvêa Gonçalves, diretora do Externato Santo Antônio; Mario Chaves Campos e José Bernardes Cardoso, ambos professores e inspetores escolares do Estado do Rio de Janeiro; Horácio Campos, diretor da Escola Normal e membro da AFL; Helena Nogueira, professora do Distrito Federal e muitos outros que contribuíam nos números de *A Revista*. Além do mais, devemos salientar que o Dr. Armando Gonçalves, redator-chefe do periódico, era sócio do Grêmio Literário Fluminense e inspetor escolar da Escola Normal.

Dessa forma, as matérias que versavam sobre educação estavam distribuídas pelo periódico em notas ou artigos destinados ao tema. No Editorial *30 dias*, por exemplo, que narrava sobre os assuntos relevantes de cada mês, era comum observamos elogios e críticas a educação no estado, onde “o ensino decresce. O saber decresce: só uma coisa cresce desassombradamente: a ignorância”<sup>109</sup>. Havia cobranças aos políticos e, quando vislumbrava-se melhorias educacionais, louros eram jogados aos mesmos. Apesar disso, não existia uma seção específica para o tema da educação, esse estava diluído, presente ao longo das páginas. Os artigos, em sua maioria, traçavam uma perspectiva otimista para educação como forma de alavancar o Estado do Rio como um exemplo para a federação.

Era o Dr. Armando Gonçalves quem escrevia intensamente sobre as temáticas relacionadas ao ensino. Em seus artigos, observamos um elogio constante à estrutura educacional do Estado do Rio, sendo isso um indício de sua grandeza, da identidade de seu povo. Eram publicadas notas sobre a educação

---

<sup>109</sup> Gioconda Dolores, uma redatora de *A Revista*, fala, no período, de exames finais nas escolas e crítica os “diplomados por decreto”, que se formam sem a cultura necessária. Dolores, Gioconda. Editorial. *A Revista*. Ano I, nº 7, 1919. p. 3.

primária, secundária, técnica e superior. Todavia, será o ensino primário – representado pelos grupos escolares – e a educação secundária – através da Escola Normal<sup>110</sup> – os dois assuntos que mais apareceriam nas páginas do periódico.

A avaliação do ensino fluminense também era feita mediante a situação dos grupos escolares de cada município. Armando Gonçalves realizou uma série de viagens e incursões ao interior fluminense, no que derivou em um grupo de publicações e artigos de *A Revista* – especialmente no segundo ano (1920) – que desejavam montar um panorama sobre a educação no estado<sup>111</sup>.

“A Revista fugiria ao ponto primordial de seu programa se não destinasse uma de suas páginas a instrução popular.

Iniciamos animados pelos sensíveis progressos que, atualmente, se evidenciam, quer no ensino primário, quer no secundário do nosso Estado.

As Escolas complementares, regidas por educadoras de reconhecido mérito e as elementares, sob os cuidados dos verdadeiros apóstolos da instrução, vão espalhando as almas ávidas de saber o **ensino**, que lhes proporciona o **único meio de se tornarem úteis a pátria**.

O Estado do Rio está em o número dos que não se podem queixar pela deficiência de Escolas; o analfabetismo vai tendo felizmente um combate seguro e proveitoso. (...)

Quanto ao ensino secundário dispõe o Estado do Rio de Escolas Normais e Liceus, que possuem corporação docente capaz de desenvolver com precisão os seus programas complexos.

O ensino particular é distinguido por um número bem avultado de colégios, que atendem perfeitamente às exigências dos cursos preparatórios.

O ensino profissional, que se inicia, já é uma promessa com a qual devemos contar em proveito da índole de **nosso povo igualmente empreendedor e laborioso**.

A Escola Profissional Visdende[*sic*] de Morais é o exemplo do quanto pode fazer o ensino profissional em nosso meio.

O próprio ensino superior já vai sentindo: possuímos faculdades de Direito, Farmácia e Odontologia regularmente freqüentadas.

É portanto com imenso júbilo que registramos, nas páginas de *A Revista*, esse momento salutar **em prol do nosso engrandecimento**.<sup>112</sup> (grifos meus)

<sup>110</sup> Notamos que a recorrência, não só de artigos, mas de fotos, notas e comentários sobre a Escola Normal, afinal era um espaço de sociabilidade dos intelectuais a frente de *A Revista*. Seus colaboradores e seu redator-chefe circulavam por aquele ambiente, fazendo deles um *lôcus* privilegiado de diálogo com *A Revista*.

<sup>111</sup> No nº 12, em abril de 1920, “Barra de São João”; “Rio Bonito, o Friburgo dos Pobres”, nº 13, de 1920; “Itaboraí” no nº 15; “Capivari”, nº 16, 1920, “Angra dos Reis” no nº 34, 1922, todos de autoria de Armando Gonçalves; “Imposto sobre o ensino”, de Bittencourt Silva, no nº 25, 1921, nesse último é relatado como a criação de um novo imposto sobre a educação iria permitir a criação de colégios no interior do estado.

<sup>112</sup> Instrução. *A Revista*. Ano I, nº 5, 1919. p. 26.

O fragmento demonstra a importância da educação na releitura da história fluminense.<sup>113</sup> Os intelectuais de *A Revista* mostravam um Estado do Rio de Janeiro modernizado, cujo indício era comprovado por meio da educação, que descortinava o homem da ignorância e delineava sua identidade através do desenvolvimento de um “processo civilizatório”<sup>114</sup>, utilizando-se do patriotismo.

A modernização de *A Revista* era empírica, traduzida em fotografias, e suas páginas eram preenchidas de instantâneos que versavam sobre a educação. Não bastava relatar os avanços da educação fluminense, mas o anseio desses intelectuais era de decantar em seus leitores essa idéia. Para tal exercício, utilizavam-se de fotografias como provas da modernidade conquistada pelo estado, através da educação, e vivida por essa sociedade que mudava, acompanhando às novas tecnologias. Esse era um recurso amplamente utilizado para propagandear a educação e as melhorias do Estado do Rio de Janeiro:

“prossequindo em nossa propaganda em prol do ensino público, no Estado do Rio Janeiro, damos hoje uma página ilustrada do Grupo Escolar Ayadano de Almeida, um dos melhores do Município de Niterói (...) A Revista espera prosseguir na reportagem fotográfica e, para isso, apela para a boa vontade dos Srs. Diretores de ‘Grupos Escolares’ que, certamente, se prontificarão a fornecer os dados necessários.”<sup>115</sup>

Apesar de o periódico tratar de temas diversos, como arte, política, comércio, ciência, cotidiano e poesia, observamos que a educação tangencia muito desses assuntos. O que estava em pauta não é somente a escolarização, mas antes a formação do indivíduo. Ou melhor, o tracejar de uma identidade para os fluminenses. Educação é antes socialização. E, para tal tarefa, muito mais do que alfabetizar, era preciso:

“Alfabetizar não é só fazer conhecer as letras do alfabeto, ler corrido, escrever e contar, mas converter um ignorante em um cidadão consciente, apto a ganhar honestamente a vida, e concorrer para o desenvolvimento do país. Para ter um

<sup>113</sup> Sobre a importância da educação no âmbito fluminense ver também: Vanessa Carvalho Nofuentes. **Construindo a nação: liga contra o analfabetismo no Estado do Rio de Janeiro (1916-1919)**. Monografia (Graduação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2005.

<sup>114</sup> Cf. Norbert Elias. **O processo civilizador**. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

<sup>115</sup> Grupo escolar Aydano de Almeida. **A Revista**. Ano II, nº 13, 1920. p. 6. (Ver anexo 1). Também podemos ver fotografias sobre os funcionários da Instrução no estado no nº 54, 1923; das meninas da Escola Normal no nº 4, 1919; dos docentes da Escola Normal no nº 8, 1919; do prédio e do diretor da Escola Normal no nº 2, 1919; das meninas do Colégio Brasil no nº 34, 1922, dentre outros.

objetivo, uma finalidade social e econômica a instrução primária tem que ir mais além: fazer homens prestáveis a Família, a Sociedade e a Pátria, homens morais e fisicamente fortes.”<sup>116</sup>

Nesse sentido, educar vai muito além das fronteiras do analfabetismo. E parece ser realmente a receita perfeita ao país que quer se remodelar.<sup>117</sup> No programa do nosso periódico, educação é polifônica, e dialoga com a música, a arte, a ciência, enfim, com a modernização. Todas fazem parte de um desenho de identidade que é proposto em *A Revista*. E essa educação começa cedo, ainda enquanto criança.

### 2.2.2. Infância em *Revista*

No número comemorativo ao primeiro ano de aniversário de *A Revista*, em abril de 1920, foi lançado, em suas páginas, um mensário dedicado às crianças. Um fato curioso, uma vez que significava uma revista dentro da outra; além de uma inovação, ao criar um periódico direcionado ao público infantil. *O Garoto* estava ligado à idéia de educação proposta por *A Revista*, daí sua fundação: um informativo específico àqueles que queriam educar: as crianças.

A imagem da criança, em *O Garoto*, não era de um adulto em menores proporções, mas de leitores particulares, com um universo próprio. Isso fica claro, no apelo visual e no texto, que priorizava o lúdico. *O Garoto*, na verdade, acompanha uma tendência, ainda lenta, deste início do século XX de um novo olhar sobre os infantes. Esse movimento que caminha junto com as reflexões pedagógicas, procura particularizar a infância, ao negar o trabalho infantil, ao

<sup>116</sup> Guilherme Catramby. *Idem*. Ano III, nº 31, 1921. p. 29. O autor desse artigo era o atual chefe da instrução do Estado do Rio, abaixo do título estava o destaque “Especial para *A Revista*”. A cultura também era um indício para a educação. Em um artigo chamado “A Música no Brasil”, publicado em um dos últimos números de *A Revista*, diz que a educação tem uma dupla função: “O nosso problema ideal no Brasil é duplo; artístico e moral. Precisamos de uma verdadeira arquitetura musical (...)” Ver: Ithamar Tavares. A Música no Brasil. *A Revista*. Ano IV, nº 60, 1923. p. 15.

<sup>117</sup> Ver Marta M. Chagas de Carvalho. **Molde nacional e fôrma cívica**: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista, SP: EDUSF, 1998. e Clarice Nunes. A escola reinventa a cidade In: Michael M. Herschumann; Carlos Albert Messeder Pereira (org.). **A invenção do Brasil Moderno. Medicina, educação e engenharia nos anos 20-30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

valorizar as brincadeiras e as linguagens específicas como parte do desenvolvimento da criança, ao produzir uma literatura dedicada aos pequenos.<sup>118</sup>

Monteiro Lobato, foi pioneiro nesse sentido. No final do século XIX, a literatura brasileira destinada à infância era totalmente dependente da européia. As histórias e as fábulas eram traduzidas, como as de La Fontaine. Lobato lançou em 1920, *A menina do nariz arrebitado*, e manifestava sua preocupação com as leituras do pequeno público. Elaborou um modo diferente de levar a fantasia às crianças, mudando decisivamente o pensamento literário da época.<sup>119</sup>

*O Garoto* está afinado com esse movimento das letras infantis<sup>120</sup> e busca aliar a diversão com a educação, que é antes voltada para a construção de uma nacionalidade, pautada no civismo. Sua circulação aconteceu por um ano – de abril de 1920 a abril de 1921<sup>121</sup> – era todo pensado para os pequenos leitores, público diverso do de *A Revista*. Além disso, poderia ser vendido separadamente, avulso, pelo preço de 100\$ réis<sup>122</sup>.

Essa não é a primeira iniciativa de *A Revista* em relação aos pequenos. Havia uma seção chamada *Página Infantil*, que, por vezes, era também publicada com o título *Alegria dos Lares* ou *Galeria Infantil*, que acompanhou os números de *A Revista* durante todo o seu período de circulação. Recorrente, com poucas exceções, estava sempre recheada de fotografias de crianças, ao ser uma espécie de coluna social infantil. Filhos de industriais, de políticos, de pessoas

<sup>118</sup> Cf. Mary Del Priore. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999. e Marcos Cezar de Freitas. **História social da infância no Brasil**. São Paulo Cortez Editora, 2006.

<sup>119</sup> Cf. Lígia Cadermatori. Literatura infantil brasileira em formação. In: Regina Zilberman (org.) **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 1982. e, Ana Maria Filipouski. Monteiro Lobato e a literatura infantil brasileira contemporânea. In: Regina Zilberman (org.). **Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

<sup>120</sup> Neste início do século XX, outros periódicos, cariocas e fluminenses, também estavam sendo publicados e pensados a partir do público infantil, vejamos alguns exemplos encontrados no acervo da Biblioteca Nacional: *Almanak da Revista Infantil* (1924), no Rio de Janeiro; *Beija-flor: revista infantil ilustrada* (1915), em Petrópolis; *O Infantil* (1912-1916), mensário que se tornou quinzenal e circulava na cidade do Rio de Janeiro; *Chantecler: semanário para grandes e pequenos* (1910); *Revista Infantil* (1921 e depois 1933); *O Tici-tico: mensário infantil* (1905-1962); além dos homônimos *O Garoto: semanário humorístico e brincalhão* (1921) e *O Garoto* (1915-1918), esses últimos também publicados na capital Rio de Janeiro.

<sup>121</sup> Os motivos de seu fim não são declarados na revista. Uma hipótese é que ele não tenha efetivamente acabado e - já que a partir de março de 1921 *O Garoto* passa a ser vendido separadamente - que seus números subseqüentes tenham se perdido, pois não encontram-se nos acervos da Biblioteca Nacional. Nas edições de Janeiro e Fevereiro de 1922, *O Garoto* aparece, mas sem seu aspecto pedagógico, apenas como uma página ilustrativa, a exemplo da *Página Infantil* com fotos de crianças fantasiadas por causa do carnaval.

<sup>122</sup> *A Revista* em seus primeiros anos custava 400\$ réis o exemplar, apesar de não sabermos a sua circulação. A partir de 1921 cada número custava 500\$ réis e a assinatura semestral 15\$000 e a anual 25\$000 réis. Ver Aos Nossos Leitores, **A Revista**. Ano III, nº 24, 1921. p. 18.

importantes tinham suas fotos publicadas com legendas de consagração. Ainda eram anunciados aniversários, nascimentos e bailes de máscaras infantis.

Observamos que, apesar de ter as crianças como tema, essa seção era direcionada a um outro público: os adultos. As legendas dos retratos dos infantes falavam mais sobre seus pais, sua importância dentro da sociedade fluminense, do que sobre as crianças em si. Essa não era uma seção orientada para elas. É nesse ponto que *O Garoto* é inovador. Sua linguagem, o apelo visual, as temáticas, toda a sua forma corresponde ao público miúdo.<sup>123</sup>

O que é interessante observar é que *O Garoto* se assemelha a *A Revista*, simbolizando uma forma de levar o seu programa às crianças. No tocante ao formato, tipos de fonte, vinhetas e qualidade do papel, tudo era similar, apenas mais lúdico, voltado para o universo infantil.<sup>124</sup> E o “programa” também aproximava-se, pois havia poesia, versinhos, contos com moral da história, charges, arte e um forte apelo à educação cívica.<sup>125</sup>

Os colaboradores de *O Garoto* eram filhos dos redatores ou dos colaboradores de *A Revista* e o seu redator-chefe, Joãozinho, era o filho do proprietário Manoel Leite Bastos. Todos tinham sua foto estampada no periódico e, em seu primeiro Editorial, Joãozinho explica que a iniciativa mostra sua trajetória pelas letras fluminenses, seguindo os passos do “papá”<sup>126</sup>.

Além de muito divertido, *O Garoto* nos oferece uma imagem simbólica e privilegiada de nosso periódico, no estrito senso, de ser um ícone da educação cívica proposta pela revista. Este “pequeno periódico” é revelador na medida em que propõe a construção de uma identidade aliada à idéia de nacionalidade, em que o público alvo será a criança.

Em seu primeiro número ganhou destaque um conto chamado “Uma festa cívica”, de Tônico:

“Vínhamos de uma festa cívica.

A mamã trazia ao colo a maninha que dormia a sono solto.

Eu, ainda acordado, conversava com o papá. Lembro-me que ele dizia entusiasmado, batendo mansamente em minha cabecinha loura: Meu Filhinho. Aquele homem que falou sobre o ‘Brasil’, que elevou os brasileiros, foi meu amigo de infância. Eu era de tua idade e ele era como tu. Brincávamos nas

<sup>123</sup> Ver anexo 3.

<sup>124</sup> Ver o anexo 2.

<sup>125</sup> Ver o anexo 4.

<sup>126</sup> *O Garoto*. Ano I, nº 1, 1921. p. 93 a 100.



Alamedas do Palácio de meu pai e sempre notei em meu amigo uma alma nobre, um verdadeiro patriota. Que felicidade não sentiria seu pai em, amanhã quando velhinho, ouvir alguém dizer o mesmo de ti. Ouviste as palavras do grande amigo de nossa Pátria, sentiste o que lhe exaltou o coração? Pois bem, que a tua alma se forme ao exemplo daquele distinto brasileiro.

As palavras de papá me animaram de tal maneira que jurei prezar muito este Brasil, que entusiasma os oradores e forma os verdadeiros patriotas.”<sup>127</sup>

O texto oferece indícios de como os fluminenses estavam reunindo possibilidades, fatores para a elaboração da nacionalidade. Ou seja, o periódico é relevante na medida em que narra o potencial do Estado do Rio para a formação do conceito de pátria. A década de 1920 é emblemática por suas iniciativas de repensar o país, os fluminenses estão buscando o seu espaço nessas discussões, ao esquadrihar uma identidade de um estado modernizado, nacionalista, em que educação é sinônimo de progresso.

Mônica Velloso, ao citar Alceu Amoroso Lima, reflete sobre o crescimento dessa onda nacionalista. E, observa que o impacto do pós-guerra levará a uma “volta às nossas raízes, (...) o que suscitou a reação modernista.”<sup>128</sup>

A visão pessimista do nacional é subvertida pela decadência do ideal civilizatório europeu. A *Revista* acompanha essa tendência modernista de valorização dos elementos nacionais e das possibilidades que esses oferecem para a construção de uma integração coletiva denominada nação.

Em suas publicações – e ainda mais pedagogicamente em *O Garoto* – A *Revista* usa a literatura como instrumento de um ideal nacional. O seu texto articula o regional e o nacional, ou seja, a construção de uma nacionalidade e a importância dos fluminenses nessa.

(...) Tirou-nos do embaraço o papá. Devemos lembrar aos amiguinhos que, em breve, serão reabertas as nossas aulas e que precisamos estudar bastante para que sejamos os garantidores do futuro de nosso País.

Tiremos dos livros os ensinamentos que formarão o nosso caráter e ilustrarão o nosso espírito.

E, assim, cumpriremos o maior e mais sagrado dos deveres. O Estado do Rio de Janeiro, que tem sido tão pródigo em homens ilustres, não pode desmentir suas gloriosas tradições.”<sup>129</sup>

<sup>127</sup> Uma festa cívica. *Idem*. p. 99, 1920. No nº 3, de 1920, temos outro conto patriótico “O Desertor”; no nº4, também em 1920, “Uma Palestra”, que ressalta as qualidades do Brasil.

<sup>128</sup> Mônica Pimenta Velloso (1993). *op. cit.* p. 91.

<sup>129</sup> *O Garoto*. Ano I, nº 8, 1921. p. 30.

A educação remonta à história intelectual de uma sociedade, por isso sua centralidade.<sup>130</sup> Podemos observar que em *A Revista* essa centralidade é fundamental pelo caráter multifacetado que a educação adquiriu. Mais que instrução, isso é cidadania; cultura, através da música e das artes; civismo; moral; um caminho para identidade; progresso de um estado que se quer moderno.

### 2.3. A modernização pelo progresso

O efeito da modernização que se imprimia ao Estado do Rio de Janeiro era uma questão presente na obra dos intelectuais de *A Revista*. Segundo Flora Sussekind, uma das perspectivas de análise desse momento é entender o que distingue a sua produção literária, fortemente atrelada com a paisagem técnico-industrial em formação.<sup>131</sup> Essas mudanças afetaram a sensibilidade de nossos intelectuais e transpareceram nas reflexões tratadas por *A Revista*.

De acordo com a autora, a produção literária foi totalmente influenciada pelo processo de modernização que então se constituía. As inovações mudaram a forma de a sociedade perceber o seu entorno; as transformações afetaram a consciência de autores e leitores; alteraram as formas de representação literária.<sup>132</sup> Como já mencionamos outrora, a própria revista é fruto desse processo. O universo de romances e de livros não era capaz de contemplar todas as mudanças dessa sociedade, o periódico buscava responder, com a velocidade necessária, a esse turbilhão de acontecimentos.

Com o surgimento de um maior número de periódicos, a atividade intelectual disseminava-se, pois esses homens de letras tiveram mais espaços e oportunidades para difundir suas idéias. E, por sua vez, a imprensa foi um lócus privilegiado de discussão e de debates, onde os intelectuais desempenharam um papel importante de projeção de imagens e de construção de identidades. Nesse sentido, os intelectuais arrogavam-se uma competência e uma responsabilidade pela dimensão do político, pelo que acontece na sociedade, são, portanto, atores

---

<sup>130</sup> Ver Helena Bomeny. **Os intelectuais da educação**. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2000.

<sup>131</sup> Cf. Flora Sussekind. **Cinematógrafo de letras**. Literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

<sup>132</sup> *Idem*. p. 1 – 30.

políticos porque formavam opiniões, manipulavam vontades e direcionavam a informação.<sup>133</sup>

Em consonância com esse movimento intelectual estavam os fluminenses. Nossa investigação vai ao encontro das articulações existentes entre o campo intelectual e a esfera política. Procurando desvendar como *A Revista* seria reveladora para esta relação, percebemos em que seus intelectuais projetaram uma imagem para o Estado do Rio de Janeiro, relacionando a modernização – em um amplo sentido que engloba o progresso, a urbanização e os avanços científicos – com a cultura política local.

A modernização relatada em *A Revista* era sinônimo de crescimento, de progresso e de regeneração do Estado do Rio. Essa regeneração era consensual ao momento em que vivia a nação brasileira, de construção de uma nova identidade. Dessa maneira, o ideal fluminense, de releitura da tradição, partia de Niterói, capital do estado fluminense e sede do expediente de *A Revista*.

A cidade, a *urbes* funcionou como um centro congregador, onde se projetavam as políticas públicas e as iniciativas intelectuais de reflexão sobre o estado.<sup>134</sup> A cidade era o retrato da modernização: com o crescimento do comércio e dos setores industriais, com a urbanização, com as inovações tecnológicas. E lá, também, concentrava-se a nata da intelectualidade fluminense; jovens oriundos do interior do estado, que vinham estudar na capital; jornalistas; políticos; e profissionais liberais. Era da cidade, de Niterói, que se espraiavam os ares de uma modernização para o Estado do Rio.

É nesse sentido, que dedicamos uma atenção especial à seção *Comércio e Indústria*<sup>135</sup>, ícone do progresso. Um dos temas mais recorrentes em nosso periódico, o progresso era associado ao desenvolvimento econômico do estado,

<sup>133</sup> Sobre a essa função intelectual realizada em outros periódicos ver a análise de Andrade, Nívea Maria de. Significados da música popular: **A revista Weco, revista de vida e cultura musical (1928-1931)**. 2003. 78f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2003.

<sup>134</sup> Sobre este aspecto, ver também: Rui Aniceto Fernandes. **Construindo o folclore fluminense: intelectuais, educação, e política no Estado do Rio de Janeiro (1949-1961)**. 2004. 170f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense. 2004.

<sup>135</sup> Essa seção é recorrente nos dois primeiros anos de *A Revista*, mas, a partir dos números publicados em 1921, ela perde esse título. Não há mais uma vinheta de abertura com o nome da seção, contudo o seu espaço é mantido no periódico. Ou seja, até 1923, fisicamente ela ainda ocupava, aleatoriamente, várias páginas da revista, aparecendo com o nome de “*Exposição do Comércio e Indústria*” ou “*Galeria de Comércio e Indústria*” e os temas abordados eram similares: avanços da cidade, desenvolvimento do comércio, grandes obras e biografias de industriais.

sendo, portanto, emblemático para pensarmos *A Revista*. Na referida seção, eram publicadas toda a sorte de notas, de propaganda, de artigos e de matérias que valorizavam as iniciativas de crescimento do estado; fosse através de grandes obras públicas; fosse com a construção de indústrias, portos; ou, ainda, com relatos sobre a urbanização; ou, apenas, para tornar notório o desenvolvimento de casas comerciais da região.

Seu destaque em relação às outras seções é inegável, suas matérias ocupavam um grande número de páginas, só sendo ultrapassada pela seção *Poesias* – também denominada de *Sonetos* em alguns números. Se era uma seção importante, quem a escrevia? Ninguém, ou melhor, todos. Esse é um outro ponto de análise sobre essa seção. Não havia autor, ou autores, as matérias eram sempre assinadas por *A Revista*, como se seus textos fizessem parte de todo o corpo de colaboradores, dos editores como um todo. Uma vertente de análise sobre essa característica é perceber que ela revelava o empreendimento modernista como uma proposta chave do periódico.

No primeiro número de *A Revista*, por exemplo, *Comercio e Indústria* trazia a seguinte manchete: “Um surto evolucionista”<sup>136</sup>, ao elogiar a iniciativa de criação de um porto em Niterói, e “o autor” sempre apresentava-se coletivamente, ao dizer que a “A REVISTA tem conhecimento das idéias progressistas do laborioso cidadão Sr. Sebastião Alves Ribeiro”<sup>137</sup> (grifo original). Esse pequeno detalhe é significativo, na medida em que demonstra que essa pauta é cara a todos os colaboradores, ou seja, que a idéia de progresso para confirmar a modernização fluminense, explícita nessa seção, é comum aos intelectuais que compõem *A Revista*.

Esse era um espaço, uma grande vitrine, onde se ostentava a grandiosidade fluminense. Ao anunciar, aos seus leitores, o crescimento do estado, as matérias tratavam da inauguração de fábricas e do sucesso da praça comercial da capital ou de outros municípios fluminenses, ao mostrar “os mais bem montados estabelecimentos de Niterói”<sup>138</sup> e seus comerciantes ou

<sup>136</sup> Comércio e Indústria. *A Revista*. Ano I, nº 1, 1919. p. 22.

<sup>137</sup> Este seria o “patriótico capitalista” responsável pelo empreendimento.

<sup>138</sup> Comércio e Indústria. *A Revista*. Ano I, nº 08, 1919. p. 37.

empreendimentos que deram certo, como a oficina de tipografia do Sr. Luiz Pereira “uma casa que honra o surto industrial do nosso país”<sup>139</sup>.

As obras públicas, ou de capital privado, que traziam benefícios à cidade eram ainda mais alardeadas com elogios à administração, descrita como empenhada em “impulsionar tudo que possa concorrer para o melhoramento desta capital”<sup>140</sup>. E se as referidas obras tematizassem a urbanização, aí sim que as matérias prolongavam-se com inúmeras fotos. Em 1921, por exemplo, foi publicada uma série de artigos sobre “Niterói Remodelada, obra gigantesca de uma administração fecunda”<sup>141</sup>.

Em todos os ângulos, a idéia central cai sobre o progresso, o adiantamento e a importância dos fluminenses. As fotografias, inerentes ao movimento, e a proposta de *A Revista* adquirem ainda mais importância nessa seção. Eram instantâneos da modernização, significavam o reconhecimento do leitor com aquilo que era narrado nos artigos. Capturavam essa aura e esse projeto do periódico, enquadravam aquilo que o leitor precisava e, também, desejava ver; eram um misto de entretenimento, informação e formação de opinião.

“A fotografia permitia também congelar fragmentos de temporalidade e condensar a nova imagem da cidade em processo de mutação. Ou seja, a fotografia e, em especial, as fotorreportagens permitem através de um dar a ver a cidade uma educação do olhar e a elaboração de uma nova estética nesse processo de expansão horizontal e vertical urbana.”<sup>142</sup>

Por meio do visual, as fotografias – não só da seção *Comércio e Indústria*, mas de *A Revista* como um todo – auxiliaram na veiculação de idéias, na tradução e na recriação dos contornos do Estado do Rio de Janeiro, pensada pela intelectualidade que dirigia o periódico. Esse é um ponto particularmente caro para nós; nessa seção, para além das propagandas ou dos artigos elogiosos que ela traz, o que nos interessa reter, é a forma como seus intelectuais procuravam

<sup>139</sup> Os grandes industriais. *Idem*. Ano II, nº 12, 1920. p. 37-40.

<sup>140</sup> Melhoramento do serviço de água potável. *Idem*. Ano IV, nº 40, 1922. p. 10.

<sup>141</sup> Comércio e Indústria. *Idem*. Ano III, nº 29, 1921. p. 13. Essa remodelação vinha sendo comentada desde a edição de março, explicando desde os termos do contrato entre o governo do estado e a empresa americana, responsável pela obra, até os benefícios de progresso e modernidade alcançados pelos fluminenses nessa empreitada.

<sup>142</sup> Charles Monteiro. Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nas revistas ilustradas na década de 1950 In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: jan./jun. 2007, v.27 n.53. p. 163-164.

consolidar a idéia de uma identidade fluminense justificada pelos progressos atingidos pelo estado.

Um dos caminhos percorridos para essa tarefa foi o reconhecimento com a nação. Devido à proximidade com o Distrito Federal, centro político do país, há uma busca pelo nacional, ou seja, mostrar-se como um estado pujante, significava um destaque no âmbito nacional. Assim, as discussões sobre um Brasil moderno tornavam-se palpáveis aos fluminenses, reconhecidos sob a mesma bandeira, de recriação de novas identidades.

A tese de Marieta de Moraes Ferreira<sup>143</sup> reitera essa idéia ao estudar como as elites políticas fluminenses – em nosso caso os intelectuais de *A Revista* – buscaram o resgate de uma “idade de ouro” perdida, momento em que o Estado do Rio de Janeiro gozava de grande prestígio, como Velha Província. A releitura da história, a contraposição entre o antigo e o moderno, colaboraria para a busca dessa época de prestígio. Ao valorizar o regional, reinterpretar a tradição, exacerbar a face industrial do estado, a seção *Comércio e Indústria* endossava a circulação de idéias reformadoras da representação dos fluminenses.

O momento de circulação do periódico (1919-1923) é de crise do regime republicano, de desencantamento com os ideais que culminaram com a proclamação da República. A Reação Republicana representa esse questionamento às contradições do federalismo brasileiro, ao levantar a crítica em relação à reprodução das elites mineiras e paulistas no poder.<sup>144</sup> A partir desse argumento, devido à Reação Republicana ter representado “um momento de contestação desse sistema, inaugurando um ciclo de questionamentos da ordem vigente”<sup>145</sup>, uniram-se Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco, na tentativa de constituir uma alternativa a candidatura oficial do mineiro Arthur Bernardes.

Tal crise expressou-se na insatisfação da população urbana e nas tensões regionais das elites dominantes. Em 1922, o ambiente político tornou-se bastante crítico em virtude da acirrada disputa entre a candidatura do fluminense Nilo Peçanha, lançada pela Reação Republicana, e de Arthur Bernardes. Essa

---

<sup>143</sup> Ver Marieta de M. Ferreira (1994). *op. cit.*

<sup>144</sup> Cf. Eduardo Sarmiento; Marieta Ferreira. A República brasileira: pactos e rupturas. In: Verena Alberti; Ângela Gomes; Dulce Pandolfi. *op. cit.*

<sup>145</sup> Marieta de M. Ferreira. A reação republicana e a crise política dos anos 20. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: 1993, vol. 6, nº 11, p. 10.

indicação rompeu o acordo firmado entre São Paulo e Minas Gerais, que, ao invés de indicar um nome ligado ao grupo paulista, estabeleceu a indicação do mineiro Arthur Bernardes para a presidência.<sup>146</sup>

Esse conflito político a respeito da sucessão presidencial é, nas palavras de Marieta Ferreira, “simbólico, na medida em que permite captar o comportamento e a cultura política de um sistema no seu todo ou de alguns de seus segmentos sociais específicos”.<sup>147</sup> Ou seja, a crise denunciada pela Reação Republicana criticava o quadro político e desejava uma mudança. O Rio de Janeiro estava especialmente interessado, por isso liderava a Reação, simbolizado pela figura de Nilo Peçanha.

Como estado, ansiava a retomada de seu prestígio político sobre a nação. Pois a hegemonia das elites cafeeiras nesta República Velha veio acompanhada por um processo de secundarização do Estado do Rio no âmbito da nação. Esforçava-se por um tempo de mudanças. E se o modelo da *belle époque* e a grande guerra trouxeram uma reavaliação da nação brasileira, era possível que este novo olhar se deitasse sobre os fluminenses. É nesse sentido que trabalhamos com a idéia de um modernismo fluminense que, a exemplo do movimento de reconstrução da nação brasileira – tarefa urgente nessa ocasião –, buscava uma releitura da tradição, desejava novamente ocupar uma posição de destaque na federação e participar dos debates sobre a nacionalidade.

Uma seção que narrasse as iniciativas econômicas bem sucedidas, a boa vontade política dos governantes do estado, os vultosos efeitos da modernização e do urbanismo na capital Niterói e a disseminação desse progresso para os diversos municípios do interior fluminense, sintetizava um projeto de regeneração do estado pelo viés da modernização. Ao analisar *Comércio e Indústria* é possível observar a sua ânsia por mostrar que a modernização era uma realidade para os fluminenses e como essa será utilizada como um fator imperativo na redefinição de sua identidade.

## 2.4. A Política como instrumento

---

<sup>146</sup> *Idem, ibidem.* p. 9- 23.

<sup>147</sup> *Idem, ibidem.* p. 11.

Carlos Wehrs, historiador niteroiense, define *A Revista* como “um mensário ilustrado, artístico e literário”<sup>148</sup>. Na verdade, os subtítulos de “variedades”, “revista literária”, “ilustrada” eram adjetivos cunhados por seus próprios idealizadores. Então, como uma revista de variedades, poderíamos concluir que o objetivo de *A Revista* era somente entreter? Não. Segundo Ana Luiza Martins<sup>149</sup>, esses subtítulos encontravam-se em vários periódicos das primeiras três décadas do século XX, sendo um conotativo de atualidade, de informação ligeira, afim com as mudanças desse tempo.

A constante atualização, torna esses periódicos diversificados. O interesse de seu leitor era garantido de diversas formas: através da literatura, das artes, das notas sociais, das matérias sobre educação, progresso e política. Isso significa que era uma revista literária que dialogava com a política? Talvez a melhor definição fosse de uma revista de variedades, que tivesse como pauta os assuntos que tangenciam o cotidiano de seus leitores e tratasse da política.

“Da mesma forma, as revistas *literárias* (grifo original) indiscriminaram-se e confundiram-se com aquelas de tipologia específicas. Ou melhor, a literatura se colocou em todo o periodismo da época, dado o vezo daquela geração, as voltas com a poesia, prosa e muita paixão.”<sup>150</sup>

Levantar um questionamento sobre o rótulo “literária”, comum nos periódicos da temporalidade que nos debruçamos, permite-nos refletir que a literatura pode ser só mais um dos temas de *A Revista*. Ou então, que a literatura é uma área bem abrangente, não se dissociando da discussão filosófica e histórica. Muitos literatos do início do século XX tinham participação política, como Olavo Bilac, Euclides da Cunha, Graça Aranha e outros. A literatura era plural, apaixonada, e trazia à tona diversos conteúdos que contemplavam seus leitores, articulando-se às propostas delineadas pelos seus redatores.

Dessa forma, a política será um tema inerente nas publicações do nosso periódico. Quando a questão do progresso e das melhorias são pensadas, no contexto fluminense, como uma confissão do moderno, elas são ligadas aos atos do governo vigente. A parcialidade dos colaboradores que escreviam na revista é

<sup>148</sup> Carlos Wehrs. **Capítulos da memória niteroiense**. Niterói, Rio de Janeiro: Niterói Livros, 2002. p. 215.

<sup>149</sup> Ana Luiza Martins. *op. cit.* p. 276.

<sup>150</sup> *Idem*, p. 277.



notória; não havia motivo para negar esse laço entre a atividade intelectual e a política. Ao contrário de alguns movimentos, nos quais os intelectuais percebem-se como vanguarda para pensar a nação<sup>151</sup> – justamente por sua neutralidade –, em *A Revista* estar ligado à situação política poderia ser um caminho para viabilizar seu projeto.

Para Mônica Velloso, “a política não é considerada expressão da modernidade”<sup>152</sup>; as revistas, de um modo geral, desse início do século XX, preferem dar mais destaque e espaço à produção artística e literária. Nossa *A Revista* é diferente, é polifônica. Para remodelar um ideal de identidade para o povo fluminense, a ação política era um instrumento:

“Os intelectuais brasileiros do final do século XIX e início do século XX leram a modernização do país considerando fortemente a posta de intervenção do Estado na articulação e/ou moderação de forças sociais. Isso talvez explique que os mesmos liberais, como Anísio Teixeira, tendo como inspiração os Estados Unidos, com forte tradição de desconfiança em relação ao papel do Estado interventor, tenham condicionado a renovação brasileira à ação estatal.”<sup>153</sup>

A relação com o Estado começa ainda na capa do periódico. Duas a cada três capas, de *A Revista*, eram fotografias ou fotomontagens com políticos locais, ou homens de prestígio do estado. Abaixo da foto vinha somente o nome, com seus devidos pronomes de tratamento – V.Ex.<sup>a</sup>; V.S.<sup>a</sup>, Ilmo.– e dentro da revista, às vezes, aparecia uma nota intitulada: “Na capa”, explicando quem era a personalidade daquele número e sua importância no cenário do Estado do Rio. Contudo, quando quem encontrava-se na capa era o prefeito da cidade, ou ainda o governador, ou algum parlamentar ilustre não havia comentários.

Como exemplo, podemos citar a capa, de 15 de abril de 1922, com o “S. Excia. O Sr. Conde Pereira Carneiro, chefe da firma Pereira Carneiro e C.”<sup>154</sup>; ou

<sup>151</sup> Essa característica é típica das vanguardas paulistas, ao pensar uma arte e um projeto de revisão da nação autônomos, sem os vícios da política. Ver a discussão sobre modernismo paulista no capítulo I, deste trabalho.

<sup>152</sup> Mônica Velloso (1996). *op. cit.* p. 59.

<sup>153</sup> Helena Bomeny. Infidelidades eletivas: intelectuais e política. In: Helena Bomeny (Org.) **Constelação Capanema**: intelectuais e política. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas; Bragança Paulista(SP): Ed. Universidade de São Francisco, 2001. p. 21. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/>. Acessado em: 5 jul. 2008.

<sup>154</sup> Capa. **A Revista**. Ano IV, nº 40, 1922.

ainda quando o prefeito do Distrito Federal na época, Paulo de Frontin<sup>155</sup>, estava na capa do número 2. Na edição de Julho de 1920, abre o periódico o Dr. Epitácio Teixeira de Campos, oficial de gabinete do secretário geral do Estado do Rio de Janeiro e, algumas páginas à frente, a nota “Na capa” justificava a referida representação ao dizer que:

“ ‘A Revista’, estampando seu retrato, faz justiça aos seus méritos e presta uma justa homenagem as suas aspirações de brasileiro inteligente e representante de uma geração forte que, pelo surto de seu louvável nacionalismo, poderá colaborar em prol do levantamento do nome glorioso desta grande pátria, digna de todas afeições.”<sup>156</sup>

Para confirmar esse argumento, observamos que todas as capas, que circularam no ano de 1919, tinham estampados políticos locais ou históricos, homens e comerciantes de vulto. Os acontecimentos políticos davam forma ao almejado progresso e à modernização que se queria ao estado fluminense. A capa então era um diálogo, mostrava o posicionamento de *A Revista*, e passava ao largo de ser meramente ilustrativa.

Há que se destacar duas prerrogativas sobre a alusão aos nomes fluminenses ilustres e à parcialidade política de *A Revista*: a projeção das biografias, como elemento de notoriedade da terra fluminense; e o aspecto comercial do periódico, que, por isso, precisava garantir apoio político, e concomitantemente financeiro, como forma de manter-se.

A escrita de biografias era uma forma de criar personagens que ofereciam projeção ao periódico e ao âmbito fluminense. Não era raro que, além da já citada *Comércio e Indústria*, outras seções, como a *Vida Elegante*, por exemplo, também narrasse os grandes feitos das personalidades niteroienses e do interior do estado – só que do ponto de vista social, ao falar dos casamentos, óbitos, nascimentos, do “renomado Sr.”, do “importante industrial...” e “do respeitável político...”.

No número de agosto de 1921, por exemplo, saiu um artigo chamado “Um fluminense ilustre, o dr. Raul Fernandes e a Liga das Nações”, no qual são corroboradas as atitudes desse conterrâneo, por seu trabalho pela nação como

<sup>155</sup> Capa. *Idem*. Ano I, nº 2, 1919.

<sup>156</sup> Epitácio Teixeira Campos. *Idem*. Ano II, nº 15, 1920. p. 9.

diplomata. A idéia de civismo e de nacionalidade é exaltada mediante a atuação de um “distinto fluminense que com tanto brilho tem elevado o nome de seu país”<sup>157</sup>. Por meio de uma biografia, busca-se o reforço das qualidades e do prestígio, como uma característica inerente para todo o estado, como um traço da identidade dos fluminenses.

Em edições especiais, essa faceta fica ainda mais clara. A volta à história e à tradição faz com que essas edições tenham galerias de fluminenses célebres, ao demonstrar a importância do estado pelo grandes filhos que ele produziu. Na edição de abril de 1920, número de aniversário de um ano do periódico, foi publicada uma nota da redação intitulada “Homens Ilustres” que declarava:

“Para maior desenvolvimento de nosso ‘Mensário’ resolvemos dar em os números que se seguem, páginas relativas às fotografias dos homens mais em evidência nas letras, nas artes, e nas ciências.”<sup>158</sup>

Há todo um esforço de valorização da terra e da identidade fluminense quando *A Revista* se propõe a destacar os políticos e aos personagens de sua história, que atuavam nos destinos do país e do estado. O resgate de uma memória, de uma identidade para os fluminenses foi um motivo para essa proximidade com a política.

A segunda causa de alusão às personalidades, auxilia-nos na compreensão da longevidade desse periódico. É sabido que a fluidez, a agilidade retratada por esse meio de comunicação ia do seu começo e ao seu fim, ou seja, da mesma forma como surgiam vários periódicos, mensários, semanários e publicações afins, esses dissipavam-se.<sup>159</sup> Estar ao lado da situação política, garantir que os feitos dessa aparecessem no periódico, poderia ser uma forma de garantir a sua sobrevivência. Afinal, daí poderiam derivar patrocínios, prestígio entre a alta sociedade fluminense e amabilidades com homens importantes.

Além de garantir um suporte ideológico e financeiro, essas proximidades revelavam também traços da sociabilidade dos intelectuais de *A Revista*. A publicação que chegou às bancas em outubro de 1920, foi modelar para

<sup>157</sup> Um fluminense ilustre, o dr. Raul Fernandes e a Liga das Nações. *Idem*. Ano III, nº 29, 1921. p. 25.

<sup>158</sup> Homens Ilustres. *Idem*. Ano II, nº 12, 1920. p. 64.

<sup>159</sup> Se compararmos o periodismo fluminense contemporâneo, *A Revista* foi um dos periódicos que mais tempo permaneceu em circulação. Observe os dados outrora citados no capítulo I.

pensarmos essa questão. Essa foi uma edição extraordinária, de distribuição gratuita, em homenagem à comunidade sírio-libanesa do Estado do Rio. As matérias tratavam do processo de independência do Líbano, com os mapas e as questões históricas envolvidas, publicadas, ainda, em árabe e em francês. O motivo desta edição estava descrito nas diversas homenagens aos comerciantes e industriais fluminenses que pertenciam a colônia libanesa. O grande destaque ficava para Nagib Calil Chaiban, presidente do Clube Líbano Fluminense, “amigo dos momentos difíceis, sempre leal em sua atitude sincera, capaz de todos os sacrifícios, devemos ao ilustre libanês e honrado comerciante o surto evolucionista de nosso periódico.”<sup>160</sup>

Esses comerciantes compravam matérias e anúncios, que avalizavam a veiculação da revista. Havia, por exemplo, diversas notas que saíam quando mudava-se a diretoria do Clube Líbano Fluminense, ou quando havia festividades no local. Por mais que consideremos que a edição que citamos ou que outras notas fossem compradas, sua relevância está nas relações de sociabilidade – intelectual, política, econômica – que desvendam as afinidades de *A Revista*.

Do ponto de vista mercantil, os comerciantes que saíam nas capas, na *Vida Elegante*, nas galerias de fluminenses célebres, cujos filhos tinham fotos publicadas, na *Página Infantil*, eram os que anunciavam e que compravam espaço publicitário para ajudar *A Revista* manter-se. Posicionar-se ao lado da nata fluminense, significava apoio em todos os sentidos – como retorno financeiro e leitores fiéis, que tinham seus interesses compreendidos e voz política. E, mais do tudo que isso, significava que o projeto de modernização, de pensar uma identidade para a terra fluminense, proposta por essa intelectualidade, tinha legitimidade, pois estava ao lado daqueles que tinham poder político para concretizá-la.

Não podemos, todavia, cair no engano de tomar *A Revista* como um instrumento de propaganda política do estado. Há que se considerar a parcialidade desses intelectuais, mas enxergá-los como um grupo de contornos e questões próprias. Minha ênfase concentra-se no sentido de que esses homens de letras

---

<sup>160</sup> Nagib Chaiban grande amigo de A REVISTA. *A Revista*. Ano II, nº 18, 1921. p. 30. Em outros números também havia sido reforçada a idéia de que este comerciante foi um dos iniciais patrocinadores do periódico.

também censuravam e cobravam posturas da administração pública, assim como investimentos que os setores privados poderiam contribuir, como a educação, por exemplo.

A tão reclamada ação do Estado fazia-se sentir na montagem desse Estado nacional, no estabelecimento de políticas para a sociedade que compreendessem educação, saúde, cultura, artes, arquitetura, patrimônio e administração e na demanda por especialistas dessas áreas. Os homens ilustrados propositivos sugeriam, criticavam e desenhavam propostas para todos esses campos.<sup>161</sup> Não houve uma “traição dos intelectuais”<sup>162</sup> que distanciavam-se da independência por sua apropriação da política, mas as formas dessa apropriação faziam suas propostas ganharem força.

O *Editorial* – por vezes chamado de *30 dias* ou *Ao correr da pena* – era um espaço de críticas e de proposições; assim como outras notas e artigos publicados sem seção fixa. Era ordinário que as mensagens<sup>163</sup> do Prefeito à Câmara Municipal ou que as do Presidente de Estado à Assembléia Legislativa fossem publicadas no periódico para “justificar os altos conceitos de (referência à Raul Veiga) em que é tida sua luminosa administração”<sup>164</sup>, mas era também comum que reprimendas fossem feitas, como em:

“Há, porém, uma outra endemia terrível, para a qual não valem os recursos da ciência médica: a politicagem, que não pode ser acoimada de produto estrangeiro porque é genuinamente nacional. (...) Toda as vezes que o nosso país descortina uma época própria ao melhor desenvolvimento, quando a atividade mental entra em um período de realização prática, lá vem a cruel anormalidade de fatos imprevistos jogar por terra as conquistas ponderadas do estudo, da experiência, da luta formidável pelo nosso progresso. E, reparem, é sempre a politicagem o fantasma horrendo de nossas iniciativas.”<sup>165</sup>

E, também, no excerto:

<sup>161</sup> Helena Bomeny (2001). *op. cit.* p. 12.

<sup>162</sup> Refiro-me aqui a famosa obra de Julien Benda “La Trahison des Clercs” (A traição dos intelectuais), analisado por Helena Bomeny (2001). *op. cit.* e por Edward Said. *op. cit.*

<sup>163</sup> Mensagem do Enéas de Castro à Câmara, na edição de novembro de 1920. No número, de dezembro de 1920, o presidente da Câmara de Maricá apresenta sua mensagem à mesma. Mensagem do Prefeito Ranulpho Bocayúva à Câmara, na edição de dezembro de 1921. Paulo Frontin e sua mensagem à Câmara do Distrito Federal, na segunda edição, dentre outros.

<sup>164</sup> Mensagem do Presidente do Estado do Rio de Janeiro. **A Revista**. Ano III, nº 28, 1921. p. 10.

<sup>165</sup> Alex Justus. A pior das endemias. *Idem*. Ano III, nº 24, 1921. p. 5. Esse provavelmente deve ser um pseudônimo, pois este colaborador não aparece nas diversas listas publicadas nas edições, além disso, seu nome está sempre ligado a matéria bem críticas, que reivindicavam justiça.

“A República no Brasil não deve ser um ‘bem de raiz’ para os ‘herdeiros’ contemplados no vasto e liberal ‘testamento’ dos que se desligaram da alta investidura ou dos ‘caudilhos’ que orientam, a contragosto da maioria, a opinião das oligarquias nefastas.”<sup>166</sup>

Não só a política era criticada, mas a sociedade como um todo era chamada a participar. No mesmo número, em que a politicagem é tratada como uma endemia, foi publicado uma nota em favor do Patronato de Menores do Estado do Rio de Janeiro, conclamando a iniciativa privada e “o povo fluminense a voltar suas vistas para o Patronato”<sup>167</sup>.

Além disso, as iniciativas louvadas nas matérias elogiosas eram aquelas que de alguma maneira beneficiavam a cidade ou a população fluminense. Em julho de 1920, foi publicado um artigo: “Feliz iniciativa do Dr. Enéas de Castro”, que narra sobre um projeto de lei, do referido prefeito, a respeito da criação de impostos sobre terrenos devolutos. A matéria seguia com aplausos de *A Revista*, uma vez que significava a não estagnação do município: as terras poderiam ser vendidas ou construídas “destinadas a mais franca prosperidade do território fluminense.”<sup>168</sup>

Esse exemplo foi dado para reafirmar o diferencial dos intelectuais fluminenses. Ao buscar uma aliança com o estado, isto é, com a política e em todas as suas resultantes, desejava-se não uma dependência das administrações públicas, mas também o não isolamento de seu discurso. O auxílio do estado na construção de uma nova identidade cultural partia da premissa da sua importância junto a essa sociedade. Por isso a sua parcialidade é justificável, pois a apropriação dos feitos desses vários políticos era para enfatizar o crescimento, o progresso, a modernização, enfim, as conquistas do estado, do povo fluminense, e do “ideal [que] conduz os povos às grandes iniciativas em prol do bem estar nacional”.<sup>169</sup> Esse ideal de um uma nação que se quer moderna, que tem na política um instrumento possível para isso.

<sup>166</sup> Gioconda Dolores. 30 dias. *Idem*. Ano III, nº 27, 1921. p. 6.

<sup>167</sup> Patronato de menores abandonados do Estado do Rio de Janeiro. *Idem*. Ano III, nº24, 1921. p. 25.

<sup>168</sup> Feliz iniciativa do Dr. Enéas de Castro. *A Revista*. Ano II, nº 15, 1920. p. 19.

<sup>169</sup> Comércio e Indústria. *Idem*. Ano I, nº 1, 1919. p. 21.

## 2.5. Ciência e saúde para um estado moderno

“Para vencer a dor, para vencer o Mal,  
Facultai a pobreza o catre do Hospital”  
Armando Gonçalves<sup>170</sup>

Não só política, mas outros caminhos foram pensados como estratégia para modernização que se queria ao estado. Uma dessas trajetórias foi a ciência, a saúde, as questões relacionadas ao saneamento básico e à salubridade da sociedade. Os avanços tecnológicos, científicos eram observados como um indicativo do moderno. Mas será que *A Revista* debruçou-se sobre esse tema?

Certamente que sim. E essa vocação para pensar a saúde não foi inovadora. Na verdade, educação e saúde comporiam a receita básica para esse momento de reconstrução nacional, contudo, desde a geração de 1870 essas questões já estavam na pauta do dia. Segundo Lúcia Lippi de Oliveira, esses autores empenhavam-se em iluminar o país através da ciência e da cultura, entendendo que os males nacionais só poderiam ser saneados por meio de uma “reação científica”.<sup>171</sup>

Essa reação em nossa revista terá visibilidade na seção *Notas de um Médico*, onde a ciência e a saúde tiveram o seu espaço. Essa seção estréia no primeiro número para dar corpo a um dos objetivos traçados pelo seu programa: devotamento pelas verdades científicas – publicado no primeiro editorial. Nessas páginas foi arquitetado um ideal de estado que se quer moderno, portanto, salubre.

Seus artigos eram assinados pelo colaborador Dr. Arthur Tibau, que rubricava apenas A.T., médico fluminense, dono de uma clínica que, segundo *A Revista*, ganhou destaque depois de uma epidemia no estado, em que este “não mediu esforços e atendia a pobres e a ricos”.<sup>172</sup> *Notas de um Médico* teve um expressivo destaque nos dois primeiros anos de circulação de *A Revista* (1919-

<sup>170</sup> Trecho do soneto “Pró-Hospital”, de Armando Gonçalves, escrito em homenagem a criação do Hospital de São Gonçalo. Ver: **A Revista**. Ano I, nº 11, 1920. p. 9.

<sup>171</sup> Lúcia Lippi Oliveira. *op. cit.* p. 80 -148.

<sup>172</sup> A nossa capa. **A Revista**. Ano I, nº 3, 1919. p. 11. O Dr. Tibau foi retratado na capa desta edição. É possível que *A Revista* esteja se referindo a grande epidemia de peste bubônica que alastrou em Niterói e Campos em 1907 ou a gripe espanhola de 1918. Ver também Carlos Wehrs. **Niterói cidade sorriso**. Rio de Janeiro: Imprensa própria, 1984.

1920)<sup>173</sup>, posteriormente não apareceu mais. Todavia, artigos sobre saúde e ciência continuariam como pauta das edições só que sem uma seção definida.

Em seu texto, os progressos da ciência eram expostos, além das melhorias médicas em relação ao combate de doenças e das técnicas sanitárias. É importante notar que a questão científica foi ponto central, mas esta foi noticiada na forma dos benefícios que poderiam trazer à população. Ou seja, uma linguagem simples, um texto claro, com receitas de profilaxia, explicação de sintomas e notícia da importância do consumo de uma boa água como exemplos da aplicabilidade dessa seção no cotidiano dos leitores.

A salubridade torna-se um ponto importante a ser discutido. Os tópicos das matérias variavam, podemos citar “O problema sanitário do Leite”<sup>174</sup>, onde o assunto foi discutido como uma demanda de higiene pública, assim como o abastecimento de água e a rede de esgotos. A esterilização do leite de consumo público foi o ponto discutido pelo autor que ensinava métodos caseiros para a verificação da qualidade desse, tendo como finalidade o combate da mortalidade infantil.

Outro artigo, “Como se fica tuberculoso”, relaciona duas medidas importantes para a modernização do estado: as reformas urbanas e a questão sanitária. A exemplo das reformas que aconteceram no vizinho distrito federal, no início do século, Arthur Tibau culpa o mestre de obras como o principal criador de focos de contágio da doença. Ele se refere às alcovas sem ar e sem luz onde mais de 2/3 da população dormia sem condições de higiene. O artigo explica como o bacilo da tuberculose disseminava-se, alertando “Onde não entram o ar puro e sol, entra o médico e muitas vezes também a morte”<sup>175</sup>.

O papel informador e formador do periódico tiveram grande relevo nesse momento, principalmente, se avaliarmos a epidemia de doenças infecto-contagiosas que se alastrou em Niterói. Em 1908 foram registrados mais de 209 óbitos por tuberculose.<sup>176</sup> A preeminência dessas epidemias no cotidiano fluminense tornava a saúde um ponto importante a ser revisto. Abolir com os

---

<sup>173</sup> Dos 17 números que circularam neste período, *Notas de um Médico* foi publicada em 10 edições.

<sup>174</sup> *Notas de um Médico. A Revista*. Ano I, nº 3, 1919. p.13-15.

<sup>175</sup> *Notas de um Médico. Idem*. Ano I, nº 11, 1920. p.15-16.

<sup>176</sup> Dados extraídos de Carlos Wehrs (1984.) *op. cit.* p. 74 -78.



surtos epidêmicos e educar a população fazia parte do programa modernizador de *A Revista*.

A importância da saúde ficava clara até mesmo nos anúncios. A grande quantidade de reclames que vendiam xaropes, tônicos, emplastros e produtos farmacêuticos, que prometiam a cura de vários tipos de males, deixava explícita a notoriedade do tema. “Para o estômago e intestinos, Papaína Niobey”; “para engordar e ganhar saúde, Vanadiol” ou “para crianças fracas, Ingesta”; “para a cura da tosse, xarope capi-toluol” e no caso de “anemias, fígado ou amarellão, a medicina moderna indicava pílulas ‘MARCIAES’.”<sup>177</sup>

Nota-se que é a “medicina moderna” que indica o referido remédio. O novo, que é ligado à idéia de moderno, nega as amarras do passado. As reformas urbanas surgem, nesse sentido, para além de uma concepção estética, como uma necessidade higienista. Em *Notas de um Médico*, de abril de 1920, a pauta era: “Um pouco de saneamento”, onde elogios e cobranças eram feitos ao Conselho Municipal para a construção de uma rede de esgoto e encanamento de água para a cidade de Niterói. O artigo prossegue:

“A realização dessas duas grandes obras constituem um vasto programa de governo que seria completado com a demolição das casas insalubres feita pelo antigo Mestre de Obras, substituindo-as por outras de construção moderna nas quais penetrem o ar e a luz em abundância.”<sup>178</sup>

O apelo ao estado (por isso a ligação com a política foi uma ponte importante foi significativo na medida em que esse teve uma função normativa. Por ter a máquina política em suas mãos, o estado poderia estabelecer e executar esse programa de modernização, de salubridade para o povo fluminense.<sup>179</sup> Nessa mesma reportagem, uma série de medidas sanitárias e “sugestões” foram feitas à administração vigente, a fim de trazer melhorias à saúde do Estado do Rio, além de uma face modernizante.

Ávidos por informar as últimas ocorrências no campo técnico-científico, dos avanços em relação aos tratamentos e às profilaxias dos males, para sepultar o atraso do estado fluminense, as matérias que versavam sobre saúde não acabam

<sup>177</sup> Anúncios retirados da edição de *A Revista*. Ano IV, nº 59, 1923.

<sup>178</sup> *Notas de um Médico*. *A Revista*. Ano II, nº 12, 1920. p. 76.

<sup>179</sup> Sobre a atuação do Estado na saúde pública, ver: Gilberto Hochman. Regulando os efeitos da interdependência: sobre as relações entre saúde pública e construção do Estado (Brasil 1910-1930). In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993.

quando a seção *Notas de um Médico* deixou de circular. Espalha-se nas páginas do periódico, sem um autor fixo e continuavam aparecendo a fim de expor a “Nova geração de Médicos”<sup>180</sup> do estado; mostrando os avanços mais recentes para manter a “Higiene na Voz”<sup>181</sup>; as novas obras de saneamento e de água potável<sup>182</sup> e tantos outros temas.

A culpabilidade pela carência na saúde é atribuída à ignorância, à falta de educação e de informação do povo. Educação e saúde andam de mãos dadas, sua relação intrínseca revela a fórmula básica para um estado moderno, afinal, só com educação pode haver conscientização. Esses argumentos estavam presentes em *A Revista*, o viés cientificista é antes uma forma de educar, de se acabar com as mazelas que assolavam o estado fluminense, de se aproximar de questões que atingiam os leitores. Ora, ao redefinir esta situação, cria-se também uma nova imagem para o estado, uma nova identidade para os fluminenses.

## 2.6. Intelectuais e sociabilidades: as tramas de *A Revista*

Esse veículo de comunicação é um *locus* valioso para a análise do movimento das idéias de um grupo de intelectuais. Uma revista apresentava-se como um meio mais democrático que um livro, em todos os sentidos. Tinha um custo menor, por isso, poderia atingir um número maior de leitores; não possuía só um autor, mas um grupo de letrados que lhe delineava um perfil e expandia sua perspectiva sobre os assuntos; e não se restringia a um tema, mas buscava dar conta da enorme quantidade de notícias e de assuntos que abraçavam a sociedade brasileira no início do século XX.

O fervilhar de idéias e de informações que mudavam rapidamente – por isso a periodicidade – reuniu homens e mulheres apaixonados pelo imperativo nação, ávidos por contribuir para uma reforma cultural e identitária do país. A partir desse desejo, diversos projetos reunir-se-iam com uma missão civilizadora, de argumento nacionalista, para a recriação do Brasil.

---

<sup>180</sup> Nova Geração de Médicos. *A Revista*. Ano III, nº 34, 1922. p. 31.

<sup>181</sup> Higiene na Voz. *Idem*. Ano IV, nº 63, 1923. p. 20.

<sup>182</sup> A obra gigantesca do Dr. Enéas de Castro. *Idem*. Ano II, nº 12, 1920. p. 11 e Úteis esforços de uma administração. *Idem*. Ano IV, nº 38, 1922. p. 5 - 9.

Grupos de letrados reuniram-se a partir de uma relação de proximidade e de afetividade. Sua lógica de composição é ponto central para compreendê-los. Ou seja, por quê intelectuais fluminenses? Quem foi é o grupo responsável pelo projeto *A Revista*? É sabido que um ambiente intelectual define um posicionamento ideológico, e, portanto, um conjunto daqueles que são pares a essa posição. Como citamos no primeiro capítulo desse trabalho, refletimos que a existência de lugares comuns para o exercício de debates do meio intelectual é uma condição para a elaboração do próprio intelectual.<sup>183</sup>

Sobre essa questão debruçamo-nos agora: a difícil tarefa de entender o grupo de intelectuais fundadores e colaboradores de *A Revista*. Estudar suas sensibilidades, suas redes de organização e de afetividade, as interdependências que esses letrados possuíam, ao se reunir em torno desse periódico. Investigar quais os “microclimas”, que permeiam a intelectualidade fluminense contemporânea à *A Revista* é ponderar sobre os grupos que faziam parte desse pequeno mundo das letras.

O intelectual fluminense – mediador cultural, engajado em criar uma nova imagem e representação para o Estado do Rio – é aquele, que independente das suas origens tece, nesse estado, suas redes de sociabilidade<sup>184</sup>. Essa acepção, construída por Ângela Gomes, amplia e oferece a real noção dos nossos intelectuais. Esses, muitas vezes, interioranos, vinham das diversas regiões do estado fluminense ou, ainda, de outros lugares. Niterói, enquanto capital, agrupava esses letrados que desenvolviam na cidade suas relações.

A profissão das letras, fosse no jornalismo, fosse na imprensa local, promovia-lhes um reconhecimento público, além de prestígio e canal para a comunicação de suas idéias. Como mencionamos anteriormente, a maior profusão de periódicos e veículos afins permitiu a expansão desse ramo e mais espaço para esses letrados.

Acontece que esse espaço desloca-se em redações de revistas e jornais, nos cafés, na boemia, nos clubes e nas academias literárias; formando a idéia de uma teia, uma rede de lugares, de espaços afetivos e também geográficos. É a partir desse momento, que os grupos vão se formando, por compartilharem de gostos e de opiniões comuns. Nosso maior desafio é pensar como tantos

---

<sup>183</sup> Michel Trebitsch. *op. cit.* p. 262.

<sup>184</sup> Ângela Gomes (1999). *op. cit.* p.19.

colaboradores que escreviam para *A Revista* fundaram esse gosto de conviver, entender que sensibilidades os aproximaram e pensar sua sociabilidade.

A escassez de fontes sobre as biografias desses intelectuais é um grande desafio. Trata-se de intelectuais locais, a maioria com pouca projeção nacional, sem maiores informações, por isso, são especiais. Suas preocupações voltam-se para o estado, não estão ligados a jornais com densa distribuição, nem estão imersos nas preocupações das grandes metrópoles. O modernismo de *A Revista* é particular, por causa desses homens de letras, das suas aspirações provincianas, do seu outro olhar sobre o que é moderno.

Nossa estratégia, então, foi tentar conhecer *A Revista* por dentro. Aproveitando as suas narrativas biográficas – ao expor fluminenses ilustres, ao fazer homenagens e ao dedicar as capas – reunimos o máximo de informações sobre a vida e os ambientes de circulação desses letrados. Seções como *Vida Elegante*, que funcionava como uma espécie de coluna social, ao escrever sobre a nata da sociedade fluminense; *Comércio e Indústria* ao tratar dos comerciantes e empresários prósperos, mostrando um pouco da sua trajetória; *Página Infantil* que expunha fotos dos filhos de intelectuais e de personalidades niteroienses; foram de grande valia. Foi por dentro dessas seções, recolhendo dados aleatórios de notas e de artigos, que conseguimos condensar uma sociabilidade para estes intelectuais.

Essa sociabilidade é, sobretudo, espacial. Um mote fundamental para iniciarmos nossa análise é compreender que essas afetividades, esses espaços pares, são, também, geográficos. Indicam-nos a dinâmica movimentação desses intelectuais pela cidade e pelo estado fluminense, ajudam-nos a compreender como efetivamente essas idéias modernistas de *A Revista* nasciam e circulavam.

Apesar da noção de regionalismo do programa de *A Revista*, isto é, de espriar por todo o Estado do Rio os ares de progresso, era na capital Niterói, que a sua sociabilidade se desenvolvia. Niterói, nesse início de século XX, não possuía uma grande quantidade de agremiações intelectuais. Por ser uma cidade pequena, os grupos da intelectualidade dividiam espaços; afinal, era na cidade, que se reunia a maioria das iniciativas e das reflexões sobre o Estado do Rio de Janeiro. Era na cidade, que encontrávamos os círculos de convívio do grupo de *A Revista*.

### 2.6.1. O Café Paris

Um dos primeiros círculos de convivência intelectual de Niterói foi a Roda do Café Paris. Situado no centro da cidade – na rua da Praia, entre a rua Direita e a rua Coronel Gomes Machado – foi um centro freqüentado pelas letras fluminenses, nas primeiras três décadas do século XX. O Café integrava um conjunto, fazia parte do Hotel e Restaurante Paris, e era um reduto da boemia niteroiense. Apesar de a noite iniciar-se no Café, ela terminava em outros bares da cidade, pois fechava à meia-noite.<sup>185</sup>

Existem discussões quanto ao período de formação da Roda literária. O Café data de 1898, mas Kleber de Sá Carvalho – um dos freqüentadores da roda – salienta que esta só se formou a partir de 1922.<sup>186</sup> Lourenço Araújo, outro componente desta roda que se chamava “*Cenáculo Ambulante*”, contesta a data ao apontar que, em 1913, já havia intelectuais reunidos no Café que discutiam sobre literatura e política. Essa parece ser a data mais aproximada, pois publicações desde 1915 foram atribuídas a intelectuais dessa roda.<sup>187</sup>

“A formação da Roda do Café Paris assinalou um período de profunda revolução intelectual nos meios sociais e literários da capital do estado. O grupo buscava um lugar ao Sol. Reagia e produzia assaltando salões, invadindo redações, forçando o seu público, impondo o valor de cada um. Metidos no fundo do Café Paris, ali traçavam planos, criavam, escreviam livros, poesias artigos, páginas de crítica, fundavam jornais e revistas. Ali quebravam literatos de vidro, destruíam culturas suspeitas fustigavam os conhecimentos do almanaque. Qualquer festa de que participavam constituía acontecimento de significação especial e ponto de atração da sociedade.(...)”<sup>188</sup>

Dessa fermentação intelectual que foi a Roda do Café Paris, participaram vários intelectuais ligados à *A Revista*. Dentre eles estava: Olavo Bastos, redator-secretário do periódico, que integrava o núcleo duro do expediente da revista, além de ser sobrinho do proprietário, Manoel Leite Bastos. Olavo Bastos era uma figura boêmia, jornalista, escritor, poeta e anarco-comunista. Pertenceu desde a

<sup>185</sup> Wanderlino Teixeira Leite Netto. **Passeio das letras na taba de Araribóia: A literatura em Niterói no século XX**. Niterói, RJ: Niterói Livros, 2003. p. 19 – 26.

<sup>186</sup> Entrevista de Kleber Sá Carvalho em *Letras Fluminenses* em 1952. Apud: Lyad de Almeida. **Lili Leitão, o Café Paris e a vida boêmia de Niterói & Niterói poesia e saudade**. Niterói, RJ: Niterói Livros, 1996. p. 16.

<sup>187</sup> *Idem*. p. 17.

<sup>188</sup> Esse trecho também faz parte da entrevista de Kleber Sá Carvalho em *Letras Fluminenses* em 1952, só que publicado em Apud: Wanderlino Teixeira Leite Netto. *op. cit.* p. 20 e 21.

primeira hora da Roda do Café Paris, o chamado *Cenáculo Ambulante*, mas apesar da irreverência típica desse grupo, também participou da fundação da Academia Fluminense de Letras (AFL). Contribuiu, ainda, para o jornal *O Momento*, importante *locus* de sociabilidade de *A Revista*, e dirigiu a *Época Teatral* junto com Castro Lopes, teatrólogo e colaborador da seção *Telas e Ribaltas* de *A Revista*.<sup>189</sup>

Outros literatos comuns ao *Cenáculo Ambulante* e *A Revista* eram Franklin Coutinho e Francisco de Paula Achilles. Ambos colaboravam aleatoriamente para o nosso periódico, sendo o primeiro funcionário dos Correios e Telégrafos de Santa Maria Madalena, no interior fluminense. Já Paula Achilles, poeta, jornalista e prosador, era inspetor escolar da Escola Normal e professor do Colégio Militar e de outros colégios particulares em Niterói. Era fluminense de coração, pois nascido em Corumbá, Mato Grosso, vivera em Niterói mais da metade de sua vida. Além disso, pertencia à classe de Ciências Sociais e Política, da AFL.<sup>190</sup> A última interseção, desses dois grupos, é o nome de José Quaresma Júnior, letrado e escritor teatral, era o 1º oficial da repartição de Fazenda do Estado do Rio e foi um dos membros fundadores da AFL que participou da Roda do Café Paris em seu começo.

Há que se destacar que apesar da participação de intelectuais em comum nesse dois locais de troca – *A Revista* e a Roda do Café Paris – nunca foi comentada essa circulação de idéias nas páginas do periódico. Um indício que levantamos a respeito desse fato, visto que era corriqueira a troca de elogios entre os locais de sociabilidade do periódico, era que o *Cenáculo Ambulante* conformava um outro grupo, com afeições diversas e antagônicas ao grupo de *A Revista*.

Ao debruçarmo-nos sobre o assunto, percebemos a divisão de duas coletividades: de um lado a irreverência, a boêmia, a ocasionalidade da Roda do Café Paris; de outro, o grupo preocupado com o academicismo, mais formal talvez, mas que outrora havia participado dos primórdios da Roda, mas, depois da fundação da AFL, teve sua identidade ligada a essa. Esse argumento é confirmado por Kleber de Sá Carvalho, ao registrar que:

<sup>189</sup> Algumas informações foram extraídas de Luís Antônio Pimentel. **Enciclopédia de Niterói: obras reunidas**. Niterói, RJ: Niterói Livros, 2004, vol.1.

<sup>190</sup> *Idem, ibidem*.

“À época da fundação da Academia, dois grupos se defrontavam, definidos, na vida intelectual da cidade. De um lado, Quaresma Júnior, Joaquim Peixoto, Lacerda Nogueira, Salomão Cruz (*todos nomes que engrossavam o expediente de A Revista*) e vários outros que, segundo a irreverência dos não-acadêmicos, eram aristocratas e sonhavam com o pomposo fardão de general das letras. O outro, um numeroso grupo de moços, promessas e realidades, que negavam, criticavam e aplaudiam, à maneira de uma turba inquieta, boêmia, quase traquinas, de seta em punho, estalando vidraças. E movimentando tudo isso, a figura impressionante de Olavo Bastos, esteta e boêmio incorrigível, fundador desta casa, então ocupante da cadeira patrocinada por B. Lopes.”<sup>191</sup> (inserção e grifo meus)

Esses intelectuais acabaram por dividir-se em duas associações diferentes. O grupo da Roda do Café Paris, mais tarde, em setembro de 1923, criou o Cenáculo Fluminense de História e Letras; e os partidários da AFL continuaram a agremiar-se em torno dessa. Olavo Bastos era a exceção que circulava nos dois ambientes, sendo uma espécie de via média ao compartilhar das duas acepções sobre as letras fluminenses.

### 2.6.2. A Academia Fluminense de Letras

A Academia Fluminense de Letras, essa sim, era a menina dos olhos de *A Revista*. Era uma instituição que representava um status, um reconhecimento social daqueles que seguiam às prerrogativas das letras. Fundada em julho de 1917, por Epaminondas Carvalho (advogado e pedagogo), Joaquim Peixoto e Quaresma Júnior – todos redatores de *A Revista* – tinha como sede das suas reuniões uma saleta no Cartório Peixoto. Sem um prédio fixo, Joaquim Peixoto (poeta, advogado e diretor da revista *Vida Fluminense* fundada em julho de 1920), como proprietário do local, cedeu provisoriamente suas instalações.<sup>192</sup>

A AFL só foi efetivamente instalada em agosto de 1919, na Escola Normal, onde conservou-se até 1934, sendo transferida para o prédio da Biblioteca Pública de Niterói, permanecendo até hoje. A importância da AFL era que ela significava uma institucionalização de uma certa prática intelectual em Niterói, uma vez que as reuniões literárias, ou eram informais, ou quando instituídas, eram muito escassas.

<sup>191</sup> Kleber de Sá Carvalho. Apud: Lyad de Almeida. *op. cit.* p. 34.

<sup>192</sup> Wanderlino Teixeira Leite Netto. *op. cit.* p. 27 – 33.

“As academias literárias eram lugares de memória, que visavam, com sua ritualística e os eventos celebrados, preservar a história e as manifestações culturais da Velha Província, congregando os estudiosos do Estado e os que procuravam criar uma determinada imagem, uma certa identidade para o território e à população fluminense.”<sup>193</sup>

Por essa última característica, a AFL foi um espaço tão caro aos letrados de *A Revista*, pois era um lugar de pares, que compartilhava da mesma sensibilidade de construir uma imagem diferenciada para o Estado do Rio. Dentre seus colaboradores e redatores efetivos estavam doze nomes que eram membros da AFL.<sup>194</sup> Ademais, a Academia era sinônimo de comentários positivos nas páginas do periódico. Eram publicadas constantes matérias sobre as pautas das últimas reuniões, trocas de diretorias, cerimônias e eventos diversos acontecidos na Academia.

No número de fevereiro de 1922, por exemplo, uma nota comentava “mais uma sessão da Academia, mais uma glória para a literatura fluminense”<sup>195</sup>, narrando a festa, os discursos dos seus membros e a importância da Academia para as letras fluminenses. Essa relevância de destacar a imortalidade dos escritores e dos filhos ilustres fluminenses foi lembrada na edição de junho do mesmo ano, quando relatava-se a visita de Luiz Murat, membro da Academia Brasileira de Letras. Contemplada sua biografia, enfatizava-se a acuidade do escritor no âmbito nacional e sua origem fluminense, nascido em Resende.<sup>196</sup>

As matérias sobre a AFL espalhavam-se pelas diversas seções. O Editorial era um espaço particular de ocorrência das notícias que tangenciavam a AFL e seus imortais. Ao fazer o balanço do mês de janeiro de 1921, *A Revista* descrevia a troca de diretoria da AFL, realçando seu sucesso e criticava aqueles que maldiziam a instituição. Os elogios proferidos à Academia concorriam no sentido de “(...) fundamentar seu prestígio sem temor de suas congêneres em todo o

<sup>193</sup> Rui Aniceto Fernandes. *op. cit.* p. 114 - 115.

<sup>194</sup> Dos nomes que conseguimos cruzar com os membros da AFL estão: Quaresma Junior, Olavo Bastos, Joaquim Peixoto, Horácio Campos, Epaminondas de Carvalho (presidente da Academia), Lacerda Nogueira, Cortes Júnior, J. Demoraes, Renato Lacerda, Gonzaga Duque, Ricardo Barbosa e Armando Gonçalves. Esse último, apesar de ser um dos fundadores da AFL, só permaneceu em seus quadros até 1921, quando por desafeto com Lacerda Nogueira (secretário perpétuo da AFL) abriu mão da sua cadeira e fundou a Academia Literária do Brasil, de brevíssima existência. Cf.: Wanderlino Teixeira Leite Netto. *op. cit.* p. 79 e 80.

<sup>195</sup> Academia Fluminense de Letras. *A Revista*. Ano IV, nº 37, 1922. p. 72.

<sup>196</sup> Academia Fluminense de Letras, sessão magna da noite vinte e dois. *Idem*. Ano IV, nº 46, 1922. p. 20 e 21.”.



torrão pátrio”<sup>197</sup>, ou seja, de ressaltar o valor dos fluminenses no espaço nacional, de lhes conceber uma nova identidade. Por isso ao fim do artigo, em tom imperativo, dizia o texto:

“Trabalhem os fluminenses com muito amor nessa grandiosa obra do levantamento intelectual de nossa terra, e longe não estará, o dia duma completa apoteose das letras fluminenses.”<sup>198</sup>

A Academia Fluminense de Letras foi um espaço de troca com *A Revista*. Mais do que intelectuais em comum, esses espaços identificaram-se por um projeto de regeneração do Estado do Rio. A literatura foi um caminho possível para demonstrar a estima do povo e da terra fluminense. Essas sensibilidades em comum, tornaram a AFL um dos principais locais de convivência e de afetividade que aparecem nas páginas de *A Revista*.

### 2.6.3. A Escola Normal e outras instituições de ensino

Se a literatura era pensada como uma forma de refletir sobre a realidade fluminense, a educação também o era. Algumas páginas atrás desse mesmo capítulo, observamos a íntima relação que foi estabelecida entre a educação e a modernidade. Educar significava mais que o conhecimento das letras, estava ligada à idéia de civismo e de nacionalidade. O aspecto pedagógico de *A Revista* caminha nesse horizonte quando procura dialogar e decantar em seus leitores uma imagem moderna e progressista do estado. Como a educação foi um lugar do moderno, um tema amplamente discutido no periódico, seus espaços de sociabilidades refletiram essa ligação.

A trama entre educação e modernidade foi, ainda, confirmada pela presença de diversos intelectuais ligados às instituições de ensino nos quadros de *A Revista*. O primeiro ambiente de convivência que selecionamos é a Escola Normal. Essa era a escola mais tradicional de Niterói naquele momento, pois foi primeira instituição pública das Américas, responsável por formar educadores

<sup>197</sup> Dolores, Gioconda. Editorial. *Idem*. Ano II, nº 22, 1921. p. 4. Em outro Editorial, de dezembro de 1919, mostra como prestígio é mantido, enfatizando sua hombridade como instituição e criticando à politicalha que tenta ingressar, sem sucesso, em seus quadros. Ver: *A Revista*, Ano I, nº 8, 1919. p. 1 e 2.

<sup>198</sup> *Idem, ibidem*.

para o magistério da instrução primária. Criada em 1835, passou a ter curso ginásial em 1931, fundindo-se então com o Liceu Nilo Peçanha. Será só em 1954 que o curso normal volta a ser destaque, quando ao desligar-se do Liceu, a Escola Normal torna-se o Instituto de Educação de Niterói. Em atividade ainda hoje, está instalada no bairro de São Domingos, e em seu tradicional prédio, permaneceu o Liceu Nilo Peçanha, no centro cívico da Praça da República.<sup>199</sup>

Armando Gonçalves, redator-chefe de *A Revista* e membro da AFL, era um nome vinculado à educação fluminense. Havia sido secretário da Escola Normal, por vários anos e tornou-se inspetor da instrução pública do Estado.<sup>200</sup> Além dele, podemos citar outro membro da AFL, Horácio José de Campos, advogado, que foi promotor de justiça da comarca de Cantagalo, diretor da citada escola e colaborador do periódico e do jornal *O Fluminense*. As interfaces entre os homens de letras de *A Revista*, a AFL e a Escola Normal estabeleceram-se não só pelo compartilhar de idéias sobre as perspectivas para o Estado do Rio, mas também fisicamente. O prédio da Escola Normal serviu de sede para a AFL até sua instalação definitiva, por exemplo. Essa integração fez com que a Escola fosse tema comum do periódico, aparecendo de diferentes formas.

No número dois, em 1919, eram publicadas fotos da Escola, das alunas do 3º e 4º anos, de seu diretor e do secretário. A reportagem fotográfica descreve a importância da instituição e das normalistas que constituíam as “Esperanças Futuras” para o estado.<sup>201</sup> Se a educação era um remédio para curar as mazelas do atraso e consolidar a modernidade para toda a ambiência fluminense, é compreensível o destaque relacionado à educação normal. Essas educandas eram as futuras professoras, daí a acuidade e o realce da sua formação.

Poesias eram feitas em homenagem às futuras mestras. Na publicação que circulou em outubro de 1919, Sylvio Tristão escreveu o soneto “As normalistas”, do qual reproduzimos um terceto:

<sup>199</sup> Claudia Maria Costa Alves; Heloísa Villela. Niterói Educação – histórias a serem escritas. In: Ismênia de Lima Martins; Paulo Knauss (Organizadores). **Cidade Múltipla - Temas de História de Niterói**. Niterói, Rio de Janeiro: Niterói Livros, 1997.

<sup>200</sup> A importância de Armando Gonçalves e sua ligação com a Escola Normal é confirmada com a sua indicação, em 1965, como nome a ser dado ao colégio. A eleição interna para a escolha do homenageado lembrava nomes de prestígio para a instituição. Armando Gonçalves concorreu com Ismael Lima Coutinho e acabou perdendo.

<sup>201</sup> Escola Normal. **A Revista**. Ano I, nº 2, 1919. p. 19-22..

“E no quarto ano, ‘adeus’ alegre soltam,  
Se aprovadas, de novo a casa voltam.  
Mas os sonhos nem sempre voltam mais!”<sup>202</sup>

O fato de voltarem à sala de aula, só que na condição de professoras, faz das normalistas alunas diferenciadas. Talvez essa seja uma possível explicação pela afetuosidade com que *A Revista* refere-se à Escola Normal. Pois, se a educação é uma bandeira tão cara nesse momento que se pretende o moderno, educar os futuros educadores é tarefa sobremaneira importante.

A Escola Normal, entretanto, não era o único recinto educacional em que intelectuais, à frente de *A Revista*, circulavam. Outros colégios, em especial os de Niterói, apareciam com constância no periódico. O Colégio Salesianos era um assíduo anunciante, ainda mencionado nos primeiros passos de *A Revista*, pois foi em suas gráficas que o periódico começou a ser impresso. O Colégio Brasil, que funcionava desde 1902, na Rua Noronha Torrezão, situada no bairro do Fonseca, tinha dois de seus diretores entre o corpo colaborador da revista.<sup>203</sup> Senna Campos, que mencionamos anteriormente pela sua inserção na AFL, era diretor da sucursal feminina do Colégio Brasil, e sempre colaborava ao periódico com crônicas e poemas. Ainda podemos citar João Brasil, diretor geral do colégio, que, além de contribuir com literatura, colocava anúncios da escola na *Galeria Comercial*.

Dessa relação nasciam anúncios e matérias sobre o Colégio Brasil e seu corpo docente. Na edição de janeiro de 1920, saiu uma reportagem sobre o colégio, com fotos das suas dependências e diretores. O texto explicitava como o educandário era um exemplo para a instrução no estado fluminense, ao destacar sua tradição na cidade, a competência de seus diretores e professores e o grande número de aprovações dos alunos para o Colégio Pedro II. Os números e as notas referentes ao concurso de 1919, foram, inclusive, publicados.<sup>204</sup>

Essa relação com o Colégio Brasil, remete-nos à significância da educação como tema do periódico e local de sociabilidade daqueles que

<sup>202</sup> Sylvio Tristão. As normalistas. *Idem*, Ano I, nº 6, 1919, p. 11.

<sup>203</sup> O Colégio Brasil foi a mais famosa escola particular do Fonseca, mas encerrou suas atividades em 1985. Inicialmente funcionava em internato, semi-internato e externato para rapazes e mais tarde foi aberta para meninas. Hoje o terreno do antigo Colégio Brasil foi totalmente loteado, só restando um dos prédios que seria transformado em centro cultural, mas encontra-se abandonado. A tradicional rua do bairro, a Rua João Brasil, tem o nome do antigo diretor do colégio, o terreno pertencendo ao Colégio, sendo sua área doada pelo antigo proprietário.

<sup>204</sup> Colégio Brasil. *A Revista*. Ano I, nº 9, 1920, p. 21-23.

integravam a *A Revista*. Outros colaboradores estavam ligados a educação, seja por atuarem em instituições de ensino, seja por terem tido uma formação voltada para a instrução. Lilita de Gouvêa Gonçalves, por exemplo, além de ser esposa de Armando Gonçalves e contribuir constantemente para o periódico com crônicas e poesias, era diretora do Externato Santo Antônio. Igualmente, Mário Chaves Campos e José Bernardes Cardoso eram professores e inspetores escolares do Estado do Rio de Janeiro. O supracitado Epaminondas de Carvalho, fundador da AFL, era pedagogo; e Nelson Barros, Júlio Sobral e Ataliba Lepage formavam o corpo de diretores do Patronato de Menores Abandonados do Rio de Janeiro.

Ao citar esses nomes observamos a participação desses intelectuais na instrução fluminense. As aspirações educacionais para o estado eram uma sensibilidade partilhada por aqueles que fizeram o periódico, e logo, tornariam-se assunto constante em suas páginas. Essas instituições ajudam-nos a compreender os ambientes de circulação desses letrados a fim de conhecermos mais do grupo que criava *A Revista*. E, a partir desses paradigmas, refletimos que a educação é uma chave de entendimento e um espaço de troca destes intelectuais locais.

#### **2.6.4. Outros periódicos**

Outra chave que nos propomos a investigar, inclina-se sobre o trânsito daqueles que escreviam em *A Revista* e em outros periódicos fluminenses contemporâneos. Do mesmo modo, refletir como o nosso mensário relacionava-se com esses jornais, essas revistas e demais periódicos em seu entorno. Ao pensar que Niterói – sede do expediente de muitos dos periódicos que circulavam no Estado do Rio – não era uma cidade grande, com um número disperso de intelectuais, nos questionamos sobre a distribuição dessa produção e como os círculos de letras e os editoriais de revistas irão se relacionar.

Uma seção símbolo para pensarmos isso, a partir de *A Revista*, era *Palavras que nos estimulam*. Publicada, em geral, após uma edição de aniversário, ou em um número especial, essa seção era um espaço claro de sociabilidade do periódico. Seus textos agradeciam os elogios recebidos por *A Revista* pelos congêneres fluminenses, oferecendo-nos pistas dessa troca

intelectual. A primeira aparição dessa seção é no exemplar de número dois, logo após o lançamento, que comemorava os louros dados pelos colegas de profissão.

“É sempre grato o aplauso aos que, ainda indecisos, ensaiam seus primeiros passos no jornalismo. (...)”

Foi, entretanto, desvanecedora a nossa estréia: tivemos a nossa edição esgotada e ouvimos, ‘chapeau bas’, de nossos colegas as palavras que nos estimulam as maiores dedicações aos objetivos por nós colimados.

Agradecendo as palavras confortadoras, não nos furtamos ao prazer de transcrevê-las em nossas colunas. (...)”<sup>205</sup>

O texto seguia com a transcrição dos trechos publicados no *Jornal do Comércio*, em *A Razão*, no *Correio da Manhã*, em *A Época*; além de telegramas de jornalistas parabenizando o empreendimento. No mês seguinte<sup>206</sup>, a reportagem continuava a descrever os comentários dos jornais fluminenses e cariocas, como o *Jornal do Brasil*, *A Rua*, *O Maricaense*, *Pátria Nova*, *O Fluminense*, *O Estado*, *O Momento*<sup>207</sup>, *A Época Teatral* e *O Momento*.

Ao publicar essas críticas, *A Revista* mostrava ao público a legitimidade conquistada junto à imprensa, desse modo orgulhava-se do prestígio e da qualidade que possuía o periódico. Existia uma seleção ao se publicar essas notas, o que indica afetividades e reconhecimentos de grupos afins.

Na pesquisa para conhecer mais sobre o grupo que escrevia em *A Revista* – cruzando nomes, datas e biografias – descobrimos que alguns intelectuais do expediente do nosso mensário, escreviam e circulavam por outras redações. A começar pelo proprietário, Manoel Leite Bastos. Como citamos anteriormente, Bastos foi ligado ao jornal *O Momento* (fundado por J. Demoraes), atuando como jornalista na seção comercial (era uma espécie de agente de anúncios também), o que contribuiu para conhecer muitos homens de renome da sociedade fluminense, letristas e empresários, o que colaborou para a criação de *A Revista*.<sup>208</sup>

O jornal *O Estado* é modelar nesse sentido. Criado em 15 março de 1919, diário matutino em formato grande, tinha seis de seus membros também

<sup>205</sup> Palavras que nos estimulam. *Idem*. Ano I, nº 2, 1919. p. 3 e 4.

<sup>206</sup> *Idem*. Ano I, nº 3, 1919. p. 3 e 4.

<sup>207</sup> Este jornal, de acordo com os arquivos da Biblioteca Nacional e a bibliografia pertinente, circulou entre 1915 e 1917, o que seria anacrônico ao comentário, de 1919. Ainda pesquisados congêneres cariocas e fluminenses homônimos, mas todos tinham uma temporalidade diferente. Talvez os acervos da Biblioteca não tenham recebido todos os números. Ver: Marcello de Ipanema; Cybelle de Ipanema. **Catálogo de periódicos de Niterói**. Rio de Janeiro: Instituto de Comunicação Ipanema, 1988.

<sup>208</sup> Ver Manoel Leite Bastos. Como fiz *A Revista*. **A Revista**. Ano II, nº 12, 1920. p. 15-17.

enlaçados em *A Revista*, além do gerente, Jônatas Carvalho, e dos diretores Jônatas Botelho, Noronha Santos, Aristides Melo, Lacerda Nogueira e J. Demoraes. Esses dois últimos, outrora mencionados, foram membros fundadores da AFL. Em março de 1920, foi publicada uma matéria em homenagem ao primeiro ano de aniversário de *O Estado*, que dava aplausos à iniciativa de um “jornal de feição moderna que, sobremodo, distingue a imprensa fluminense”<sup>209</sup>.

A convivência com outros periódicos indica-nos os caminhos da sociabilidade de *A Revista*, espaços onde há a identificação de seus pares e de suas idéias. O enfoque moderno com que o periódico interpreta o estado fluminense, também é atribuído ao seu par, ao rotulá-lo como moderno, ao se reconhecer nele: “A REVISTA, que tem no ‘O Estado’ um colega afeiçoado, abraça afetuosamente seu distinto corpo de redação.”<sup>210</sup>

Outras revistas e publicações periódicas integraram essa convivência ao possuir nomes comuns em seus editoriais, propiciando o movimento de idéias. *O Diário Fluminense* (1911-1923) era de propriedade de Cortes Jr., além de ter Quaresma Júnior, como jornalista, e J. Demoraes, como revisor, todos colaboradores de *A Revista*. Esse último também publicava no semanário *Niterói* (1909-1923) e na *Gazeta da Manhã* (1912-1926), junto com Joaquim Peixoto, nome comum ainda em *A Revista*. Esse último ainda fundou, em 1920, o mensário *Vida Fluminense*. Podemos citar ainda, *O Arauto* (1918) que teve em seus quadros Renato Lacerda, farmacêutico e escritor, que também contribuía em nossa revista.

Esse deslocamento constante de notícias e de afinidades, proporcionou um movimento inverso ao da seção *Palavras que nos estimulam*. Em retribuição às referências dadas pelos outros periódicos, *A Revista*, colocava em suas páginas elogios e notícias de lançamentos de seus colegas de imprensa. Em seu sexto número, para exemplificar, saiu um artigo que narrava a criação de duas novas revistas no cenário fluminense *Luz e Sombra* e *Renascença*. Ao referir-se a *Renascença*, *A Revista* escrevia: “A distinta colega tem formato moderno e conta, em o número de seus colaboradores; rapazes de conhecido mérito”.<sup>211</sup>

<sup>209</sup> O Estado e seu primeiro aniversário. *Idem*. Ano I, nº 11, 1920. p. 19.

<sup>210</sup> O Estado. *Idem*. Ano IV, nº 38, 1922. p. 2.

<sup>211</sup> Imprensa, novos colegas. *Idem*. Ano I, nº 6, 1919. p. 10.

Os rapazes de mérito são os intelectuais que transitavam igualmente em *A Revista*. Na redação de *Luz e Sombra*, o Dr. Murilo de Souza Soares e o Dr. Nelson Campos; e em *Renascença*, os letrados: Salomão Cruz e Lacerda Nogueira, escreviam em *A Revista*. A circulação desses intelectuais reitera a sua afetividade, que para além das concepções e dos ideais, era espacialmente clara. Uma boa parte da movimentação das letras fluminenses nesse período passava pela nossa revista e dessa interlocução derivaram produções que pensariam uma outra imagem para o estado fluminense.

### 2.6.5. *Collar de Pérolas*

Referimo-nos a um último *locus* de sociabilidade fundamental para compreendermos esses intelectuais fluminenses: o livro *Collar de Pérolas, acrotério*<sup>212</sup> dos poetas fluminenses. Essa obra fez uma coletânea de sonetos reunindo somente autores fluminenses. Sua elaboração foi prometida desde agosto de 1919, em virtude das comemorações do Centenário de Niterói. Mas sua chegada aos leitores demorou, sendo publicado somente em 28 de outubro de 1920. No *Editorial*, da edição de fevereiro de *A Revista*, Gioconda Dolores escreveu uma nota que justificava a demora e anunciava o breve lançamento do livro:

“Esta nota, que não deixará de despertar interesse por parte dos que acompanham a evolução literária de nossa terra, vêm provar aos incrédulos e aos maldosos que o Acrotério dos Poetas de nossa terra será uma realidade. Já não se poderá dizer ironicamente: ‘era uma vez um collar de pérolas...’”<sup>213</sup>

A movimentação das letras fluminenses, que derivaram na criação do livro, é entendida como uma forma de progresso e de modernidade. *Collar de Pérolas* foi organizado por Armando Gonçalves, publicado pela Casa Jeronymo Silva, com 144 sonetos de diversos poetas fluminenses. O livro era dividido em duas partes, sendo a primeira de sonetos, e a segunda contendo biografias e informações adicionais sobre seus autores.

<sup>212</sup> Acrotério é um pequeno pedestal sem base para as estátuas que ficam nas frontarias.

<sup>213</sup> Gioconda Dolores. Editorial. *A Revista*. Ano I, nº 10, 1920. p. 5.

A participação de *A Revista* nesse projeto estava na publicidade, pois diversas vezes comentários de lançamento, elogios e sonetos apareceram em suas páginas. Além do mais, *Colar de Pérolas* se tornou um significativo espaço de sociabilidade de *A Revista*, basta observarmos que muitos de seus autores haviam colaborado de alguma maneira com o periódico. Mas essa coletânea nos é cara devido a seu ideal, comum a nossa revista, de buscar uma nova imagem para o estado, que o interpreta pelo progresso; de enxergar o aumento da produção literária como um indício do que é moderno. A introdução de *Colar de Pérolas*, escrita por Horácio Campos, afirma que:

“Concorrer para o engrandecimento das letras pátrias foi sempre o nosso objetivo.

As obras didáticas que temos editado, os trabalhos literários, que saíram e continuamente saem de nossas oficinas, atestam plenamente a boa vontade que nos anima, quando se nos depara o ensejo de um semelhante empreendimento.

Aproximando-se as festas do Centenário da Fundação de Niterói, resolvemos organizar um trabalho que tivesse um duplo aspecto: primeiro, homenagear a literatura fluminense; segundo, mostrar o quanto poderiam produzir as máquinas tipográficas que dispomos. (...)

O presente trabalho patenteia de modo quase preciso o nível da intelectualidade fluminense nestes últimos tempos de propaganda francamente literária.”<sup>214</sup>

A produção literária, representada por *Colar de Pérolas*, era um indicativo da grandeza dos fluminenses, ou seja, que o estado possui uma intelectualidade pulsante, comprometida com a criação artística. O desenvolvimento das letras, de que fala o fragmento, passa pela educação, como um empreendimento fundamental para se repensar o estado fluminense. Esses argumentos trazidos por *Colar de Pérolas* compartilham das idéias de criação de uma nova identidade cultural para o estado proposta por *A Revista*. Daí tantos letrados circulando entre esses ambientes, por isso o livro é um espaço de convivência do periódico.

É interessante observar o momento de geração do livro. A idéia, ocorrida após o Centenário de fundação de Niterói, fica clara na citação acima. Devemos entender o porquê de um projeto que, segundo o texto, desejava homenagear e mostrar o potencial da literatura fluminense, foi pensado nesse momento de festa. O fato é que, após cem anos de criação da cidade, capital do estado, há uma volta ao passado, uma reavaliação que se estende nas perspectivas para o presente/futuro. Logo um momento precioso de reinventar o estado.

<sup>214</sup> Horácio Campos. Apud Wanderlino Teixeira Leite Netto. *op. cit.* p. 71.



É esse o tema que trataremos no capítulo seguinte, ao investigar e ao compreender as festas do Centenário como um momento especial para se pensar a identidade do estado fluminense e da nação pelo viés do moderno.